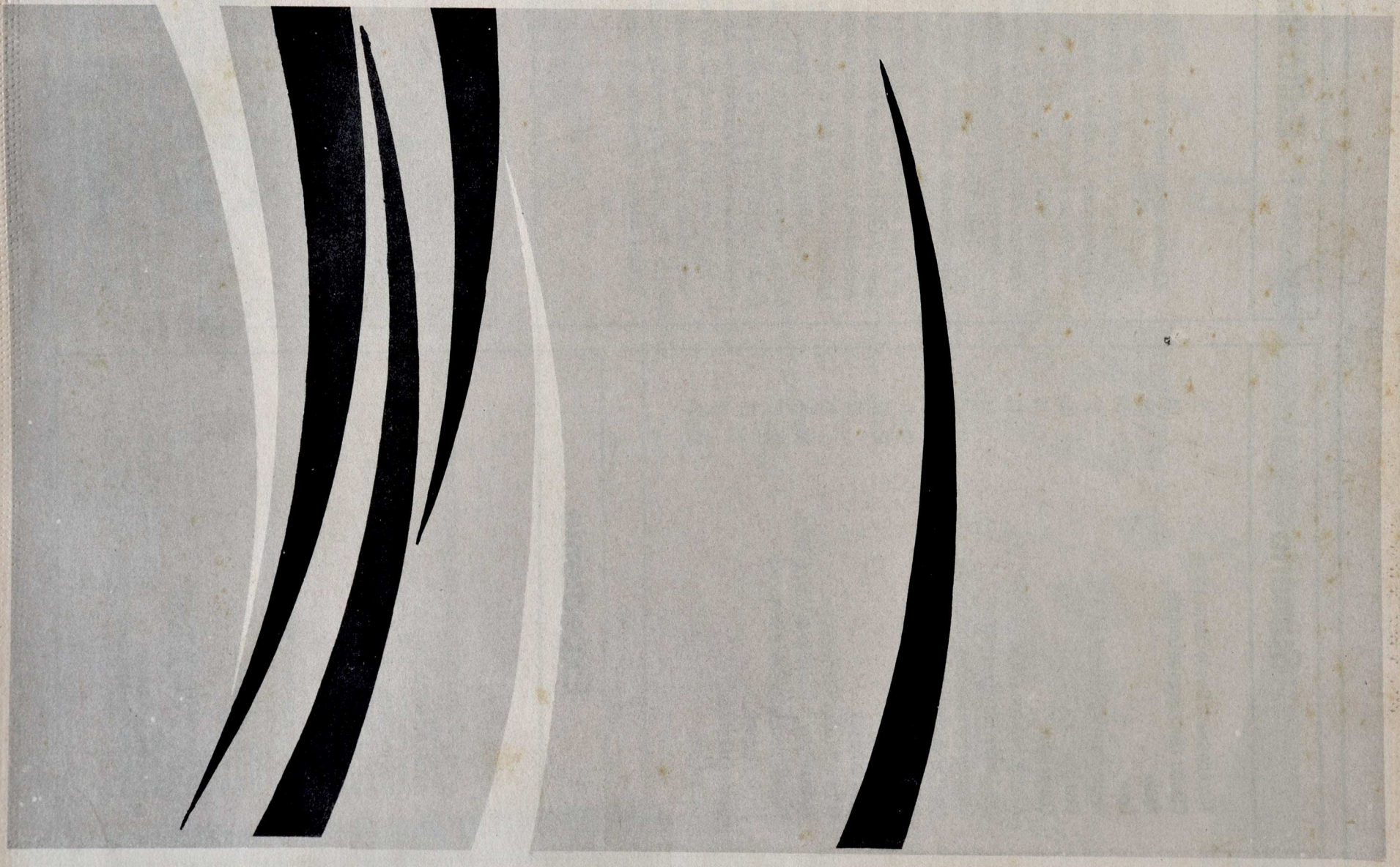
Ano II — Nº 16
Natal, Junho/1989

O GALO

Jornal Cultural
Fundação José Augusto
Cia Editora do Rio Grande do Norte



Sumário

Trinca de Sete de Seis de Oitenta e Nove	03
Catatau: Lembranças de Leminski ...	04
Apelo	05
Boca	06
Futuro é uma foto de um dândi	07
Dina Sfat	08
O amor físico	09
A Paixão Segundo a Mídia	10
Que Mistério há naquele mistério	11
Grupo Oxente e sua arte questionadora	12 e 13
Uma Conversa com Sérgio Campos	14 e 15
Praeconium para Ulysses	16 e 17
Praias	18 a 21
Perfil da Música	22
O Valor da Dança e da Educação	23
Mestre Vitalino, A Realidade da Vida nas Mãos	24 e 25
Fragmentes para um Poema Desconexo	26 e 27
Livros e Autores	28
Cartas dos Leitores	29
O Galo Conta	30 e 31

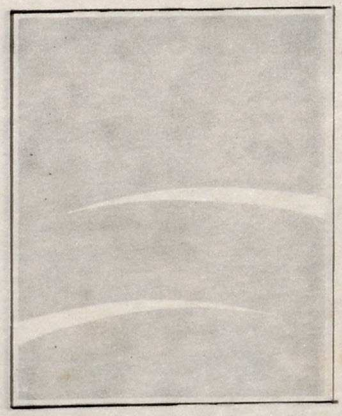
Expediente

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
Governador
GERALDO MELO
Presidente da Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Diretor-Presidente da Cia. Editora do RN — CERN
WALTER MEDEIROS
Editora
MARIZE CASTRO
Redator
ANCHIETA FERNANDES
Diagramação, Programação Visual e Arte Final
GILBERTO ALVES
EMANOEL AMARAL
ERI FURTADO
Revisão
BRÍGIDA MAFRA DE MACÊDO
SILVANA A. F. DE ANDRADE
Montagem
SOCORRO SOARES
MARCOS DE LIMA

Editorial

Continuamos apaixonados. Uma fome imensa de verdade a cada dia mais nos invade. Aceitamos os mistérios e os exércitos inimigos merecem nossa compreensão. Estrelas se acoplam a nós. E aí está nossa força e beleza. Leminski está conosco, assim como Nara, Dina, Machado de Assis, Mestre Vitalino, James Joyce e Drummond, só para falar dos que partiram. Não estamos sós e temos consciência da necessidade da solidão.

Antes de partir Leminski disse sim ao NICOLAU, um dos jornais mais importantes deste país, editado por um homem cheio de amor, Wilson Bueno. O que O GALO sofreu há alguns meses NICOLAU está sofrendo agora, uma campanha provinciana e amargurada para que o mesmo tenha um fim. Mas como terminar com o Amor? Leminski na sua lucidez disse sim ao NICOLAU, disse sim ao GALO, disse sim ao VERVE e a todos os que não perderam o entusiasmo. Reunamos os estandartes, deixemos a canção entrar. A luz azul do país azul nos dará suavidade e calmaria. Nada está oculto. Tudo se revela. Prometeu e Igitur são igualmente importantes. Temos Som e Fúria e nem sempre somos soldados.



Capa: **Eri Furtado.** Artista plástico norte-rio-grandense. Exposições na Galeria François Petit (Paris) e na New Art Center (Japão).

Redação: Rua da Conceição, 603 — Cidade Alta — Natal — Rio Grande do Norte — CEP 59.000 — Tel.: (084) 221-5966. A editoria de O GALO não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião deste jornal. A editoria de O GALO também se reserva o direito de publicar ou não colaborações não solicitadas, bem como não se responsabiliza por sua devolução.

TRINCA DE SETE DE SEIS DE OITENTA E NOVE

Wellington Dantas

LEM IN the SKY

LION in the sky

— stars in the sky

o pano kai: t
u
d
o

l
e
v
a

a

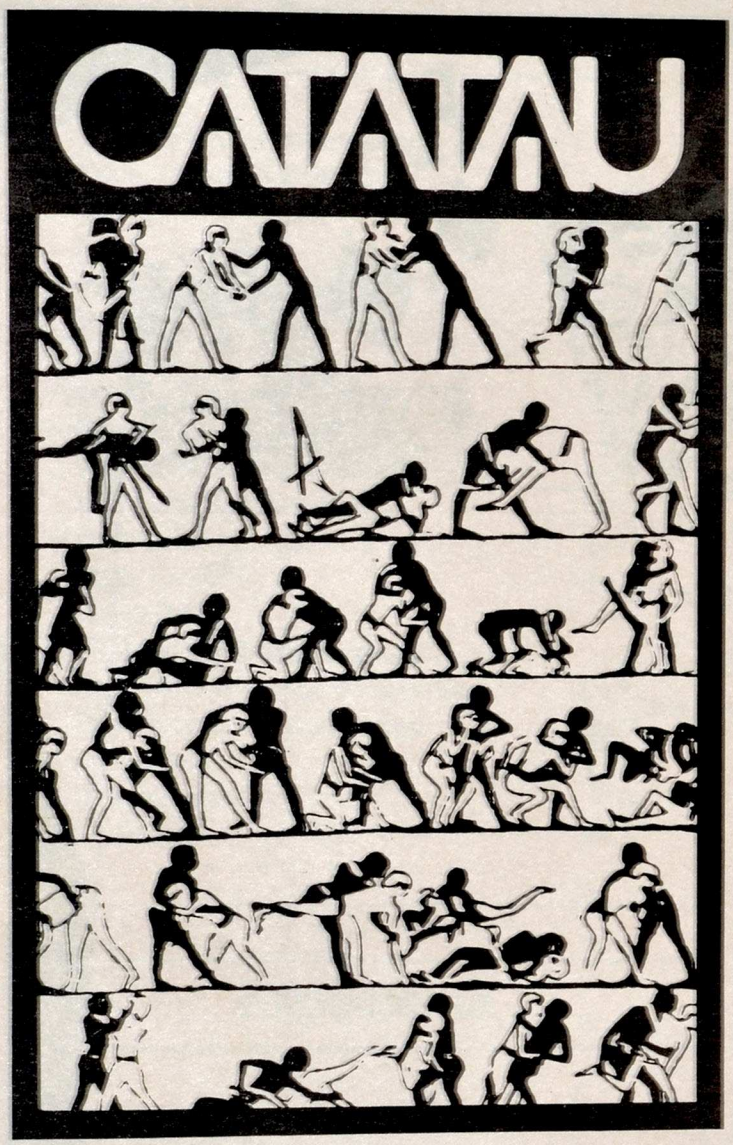
NARA, é PAUlo pedra
angular

&

a naVE vai
naVE LOuca
naVELÔ o show não pode parar

— All that jaz
ou simplesmente: tudo leva a NARA

Wellington Dantas (RN) é poeta, artista plástico.



Lembranças de Leminski...

Daqui ao infinitamente grande ou ao infinitamente pequeno, a distância é a mesma, tanto faz, pouco me importuna. Ali canta a máquina-pássaro, ali pasta a máquina-anta: ali caga a máquina-bicho. Não sou máquina, não sou bicho, eu sou René Descartes, com a graça de Deus. Ao inteirar-me disso, estarei inteiro. Fui eu que fiz esse mato: saiam dele, pontes, fontes e melhoramentos, périplos bugres e povoados batavos. Eu expendo Pensamentos e eu extendo a Extensão! Pretendo a Extensão pura, e sem a escória de vossos corações, sem o mênstruo desses monstros, sem as fezes dessas reses, sem a besteira dessas teses, sem as bostas dessas bestas. Abaixo as metamorfoses desses bichos, — camaleões roubando a cor da pedra! Polvos no seco: no ovo quem deu antes no outro, uma asa na linha do galho ou um pulo em busca de agasalho? Não sabem o que fazer de si, insetos pegam a forma da folha; mimeses. E a forma? Coisas da vida! Vinde a mim, geometrias, figuras perfeitas, — Platão, abri o curral de arquétipos e protótipos; Formas geométricas, investi com vossas arestas únicas, ângulos impossíveis, fios invisíveis a olho nu, contra a besteira dessas bestas, seus queixos barbados, corpos retorcidos, bicos embaraçosos de explicar, chifres atrapalhados por mutações, olhos em rodela de cebola! Vinde círculos contra tamanduás, quadrados por tucanos, losangos verso tatus, benvindos! Meu engenho contra esses engenhos! A sede que some fede que fome! Falta-me realidade. Lá cavalga preguiça quem se parece mais comigo, mais não pode a argila humana. Apenas alguém que sabe dizer não. Desde verdes anos, tentaram-me o eclipse e a economia dos esquemas. Exímio dos mais hábeis nos manejos de ausência, busquei apoio nos últimos redutos do zero. Foi a época que eu mais prestigiei o silêncio, o jejum e o não. A geometria. Quase não pensar. Quadrado é quase nada. Um círculo praticamente falta, traçar uma linha beira o ócio: pensar um problema de geometria é desviar dum vôo sem dar um nulo pio. Quando geômetra, ser se reduz ao que há de mais nada. Quem sou eu para mudá-lo? Essa aranha geometrifica seus caprichos na Idéia dessa teia: emaranha a máquina de linhas e está esperando que lhe caia às cegas um bicho dentro: aí trabalha, aí ceia, aí folga. Caminha no ar, sustenta-se a éter, obra de nada: não vacila, não duvida, não erra. Organiza o vazio avante, apalpa, papa e palpita, resplandecente no nada onde se engasta e agarra-se pela alfaia em que pena, deserto de retas onde a geometria não corre riscos mas se caga. Esta desolação do verde neste deserto cheio está se prevalecendo de meus feitos de armas e pensamentos. Você sabe com quem está falando? Cultivei meu ser, fiz-me pouco a pouco: constitui-me. Letras me nutriram desde a infância, mamei nos compêndios e me abeberei das noções das nações. Compulsei índices e consultei episódios. Desatei o nó das atas, manuseei manuais e vasculhei tomos. Olho noturno e diurno, palmilhei as letras em estradas: tropecei nas vírgulas, caí no abismo das reticências, jazi nos cárceres dos parênteses, rolei a mó das maiúsculas, emagreci o nó górdio das interrogações, o florete das exclamações me transpassou, enchi de calos a mão fidalga torcendo páginas. Em decifrar enigmas, fui Édipo; enrolar cogitações, Sísifo; em multiplicar folhas pelo ar, outono. Freqüentei guerras e arraiais; assíduo no adro das basílicas, cruzei mares, pisei o pau dos navios, o mármore dos paços e a cabeça das cobras. Estou com Parmênides, fluo com Heráclito, transcendo com Platão, gozo com Epicuro, privo-me estoicamente, duvido com Pirro e creio em Tertuliano, porque é mais absurdo. Lanterna à mão, bati à porta dos volumes mendigando-lhes o senso. E na noite escura das bibliotecas iluminava-me o céu a luz dos asteriscos. Matei um a um os bichos da bíblia. Me dixit magister quod ipsi magistri dixerunt: Thyphus dègli Odassi, Whilem Van der Overthuisen, Bassano di Alione, Ercole Bolognetti, Constantin Huyghens, Bernardino Baldi, Cosmas Indicopleustes, Robert Grosseteste et ceteri. Estou em latim como esses bichos na casa de feras, bato a cabeça nas paredes, caminho de muro a muro somando milhas. Diviso. Sentei-me à mesa dos notáveis, particularizei a companhia de varões insígnes, isso tal eu mesmo nato e feito. Um homem feito de armas e pensamentos. Minhas virtudes, álibis, imunidades e potências: a náutica, a cinegética, a haliêutica, a poliorcética, a patrística, a didascália, o pancrácio, a exegese, a heurística, a ascese, a ótica, a cabala, a bucólica, a casuística, a propedêutica, fábulas, apoteoses, partenogêneses, exorcismos, solilóquios, panacéias, metempsicoses, hieroglifos, palimpsestos, incunábulos, labirintos, bestiários e fenômenos. Cerimônias me curvaram ante reis e damas. A pedra dos templos feriu-me o joelho direito. Horas minhas no ouro de relógios perfeitos. Debrucei-me sobre livros a ver passar rios de palavras. Todos os ramos do saber humano me enforcaram, sebastião flechado pelas dúvidas dos autores. Naveguei com sucesso entre a higiene e o batismo, entre o catecismo e o ceticismo, a idolatria e a iconoclastia, o ecletismo e o fanatismo, o pelagianismo e o quietismo, entre o heroísmo e o egoísmo, entre a apatia e o nervosismo e saí incólume para o sol nascente da doutrina boa, entre a aba e o abismo. Mal emerso dos brincos em que consome puerícia seus dias, dei-me ao florete, os exercícios da espada absorviam-me inteiros. Mestres suguei escolados na arte. Meu pensamento laborava lâminas dia e noite, posturas e maneios, desgarrado numa selva de estoques, florete colhendo as flores do ar. Habitei os diversos aposentos das moradas do palácio da espada. O primeiro florete que te cai na mão exibe o peso de todas as confusões, o ônus de um ovo, estertores de bicho e uma lógica que cinco dedos adivinham. Nos florilégios de posturas das primeiras práticas, Vossa Mercê é bom. A espada se dá, sua mão floresce naturalmente em florete, primavera à flor da pele. Todavia de repente o florete vira e te morde na mão. Não há mais acerto; Vossmercê não se acha mais naquele labirinto de posições, talhos, estocadas, altabaixos, pontos e formas. Passa-se a onde o menos que acontece é o dar-se meiavolta e lançar de si o florete: abre-se um abismo entre a mão e a espada. Agora convém firmeza. Muitos desandam, poucos perseveram. Vencido este lanço, a prática verdadeira começa. É a segunda morada do palácio: muitos trabalhos, pouca consolação. Aí o florete já é instrumento. Longo dura. Um dia, longe da espada, a mão se contorce no seu entender e pega a primeira ponta do fio, a Lógica. Vosmecê já é de casa, acesso à quarta morada. A conversação com o estilete é sem reservas. O próprio desta morada é o minguado pensar: uma geometria, o mínimo de discurso. Tem a mão a espada como a um ovo, os dedos tão frouxos que o não quebrem e tão firmes que não caia. De que o mesmo destino contempla vosmecê e a espada — você se inteira: inteiro está agora.

Catatau é o título do livro, publicado em 1975, do poeta paranaense Paulo Leminski, falecido este mês. Transcrevemos aqui as páginas 16 e 17 da primeira edição.

Ao sabermos do falecimento de Nara Leão ficamos tristes. Não uma tristeza que nos paralisa e nos deixa à mercê das lágrimas. Nara "Lion in the sky", como afirma o poeta Wellington Dantas. Quando as coisas começaram a escurecer neste país, prenderam Nara Leão, Drummond fez um Apelo. Republicamos aqui este apelo, datado da década 60.

APELO

Imagens em ão

Carlos Drummond de Andrade

Meu honrado marechal
dirigente da nação,
venho fazer-lhe um apelo:
não prenda Nara Leão.

Soube que a Guerra, por conta,
lhe quer dar uma lição.
Vai enquadrá-la — esta é forte —
no artigo tal... não sei não.

A menina disse coisas
de causar estremeção?
Pois a voz de uma garota
abala a Revolução?

Narinha quis separar
o civil do capitão?
Em nossa ordem social
lançar desagregação?

Será que ela tem na fala,
mais do que charme, canhão?
Ou pensam que, pelo nome,
em vez de Nara, é leão?

Se o general Costa e Silva,
já nosso meio-chefão,
tem pinta de boa-praça,
por que tal irritação?

Ou foi alguém que, do contra,
quis criar amolação
a seu Artur, inventando
este caso sem razão?

Que disse a mocinha, enfim,
de inspirado pelo Cão?
Que pela paz e amor
e contra a destruição?

Deu seu palpite em política,
favorável à eleição
de um bom paisano — isso é crime,
preso de alta traição?

*E depois, **se não há preso político,** na ocasião,*
por que fazer da menina
uma única exceção?

Ah, marechal, compre um disco
de Nara, tão doce, tão
meigamente brasileira,
e remeta ao escalão

que, no Palácio da Guerra,
estuda, de lei na mão,
o que diz uma cantora
dentro da (?) Constituição.

Ao ouvir o que ela canta
e penetra o coração,
o que é música de embalo
em meio a tanta aflição,

o gabinete zangado,
que fez um tarantantão
denunciando Narinha,
mudava de opinião.

De música precisamos,
para pegar no rojão,
para viver e sorrir,
que não está mole não.

Nara é pássaro, sabia?
E nem adianta prisão
para a voz que, pelos ares,
espalha sua canção.

Meu ilustre marechal
dirigente da nação,
não deixe, nem de brinquedo,
que prendam Nara Leão.

Boca

Carlos Magno

"belezas são coisas acesas
por dentro
tristezas são belezas apagadas
pelo sofrimento"
Jorge Mautner

Só o mel de lábios áridos. Boca que sou. Boca soou de viés na boca que és. Tange o véu um deserto não certo: cingido em fardo. Sagrando a lenda. Sangrando auras de prenda. Que nem abelha no tecer do favo. Invocar a força do eco: flecha no oco do oculto. O oásis: um umbigo em sua boca. Minha miragem. O céu de boca: fim de tarde.
Passos. Sua voz "na voz entrecortada caminham seus olhos e a gruta caiada agita-se no ouro". A Gruta de Federico García Lorca. Rispidez do vento tingindo um perfil de cópula. Uma gravura purista. Dedos deslizam no sumo da loca. Cravando no canto de cada canto um pranto. Crispa-se a razão da oração. Lágrima imóvel jaz. Mascarou a máscara de rosto nu. E intacta pela língua fugaz.
O sol doure quem ouse. Até velejar todo desejo. Ir saber de línguas pra sorver gotas de línguas. Meus dentes: o reflexo. A foz grita aguda do seu ventre. Pelos ralos. Pelos poucos das coxas. Abertas: forquilha reluz de ouro. Rezo. Rego o suor de nossas bocas em desalinho. Longe uma da outra. Por que forjar o alvo das nuvens com lâminas de ferrugem? O medo dói. E o lume do ciúme embebe nossos lábios. E lavra a sua e a minha boca. Com a larva da poça. Espirra-se o mel de grandes e pequenos lábios.

Ilustração: Gilberto Alves

Carlos Magno (RN) é poeta, Editor do jornal Palavra

Futuro é uma foto de um dândi (prédios ao fundo)

Eles são informados, bem vestidos e com um ar levemente** boring. **São os** new-cínicos, **aqueles para quem tudo já acabou, os últimos dândis. Juveniilistas para uns, meros subprodutos de caderno B para outros, o fato é que nunca foi tão** IN ser NEW, **todos seguindo os ditames daquilo que o psicanalista Jurandir Costa chamou de "Razão cínica". Narcisos beirando o insuportável, eternos entediados, precoces em sua maioria, para eles a situação está muito retrô. Lá vai um, com suas roupinhas** clean, **seus disquinhos-de-bandas-independentes-inglesas-recentemente-descobertas-por-uma-multinacional e é claro, algum livro de um importantíssimo (fundamental, como eles adoram dizer) teórico alemão já falecido. Também pode ser uma matéria falando sobre referências barrocas nos neons de Tóquio, ou ainda, a mais nova sensação de Manhattan analisada por um competente repórter (Copyright by Paulo Francis). Tudo muito calmo, europeu até-mesmo nos "Tristes trópicos"; sem revoltas ou transgressões, coisa mais anos setenta!!! Ouçamos com atenção as proparoxítonas da Vigário Bartolomeu. Os mais atrasados ainda choram a morte dos Smiths, já a facção mais** up-to-date **se diverte trocando frivolités: a última capa da Vogue, uma nova gíria londrina ou a mais nova fofoca daquele que é considerado** godhead **para os boys. Obviamente Steven Patrick Morrisey. "Como pode ser deprimido alguém que acorda todos os dias e vai ao supermercado fazer compras?" — cínico até o topete. Desnecessário dizer que os** new **são a mais nova sensação da mídia tupy, que não cansa de perguntar por que esses jovens estão tão sem perspectivas. Há mais coisas entre a razão e o cinismo do que podem supor os bardos de Manchester. Deve-se levá-los a sério? Não muito, afinal, ninguém consegue passar muito tempo fazendo pose e sonhando com Ibiza e Picadilly Circus.

MAX PEREIRA

Max Pereira (RN) é estudante de Comunicação Social da UFRN. Editor do Jornal Palá-vora.

Foto: Richardson Sant'Anna

Arquivo

"Uma certa delicadeza, um certo cuidado no amor. São idéias banais, mas de repente se tornam revolucionárias."

Dina Sfat
1939-1989

O amor físico

Marize Castro

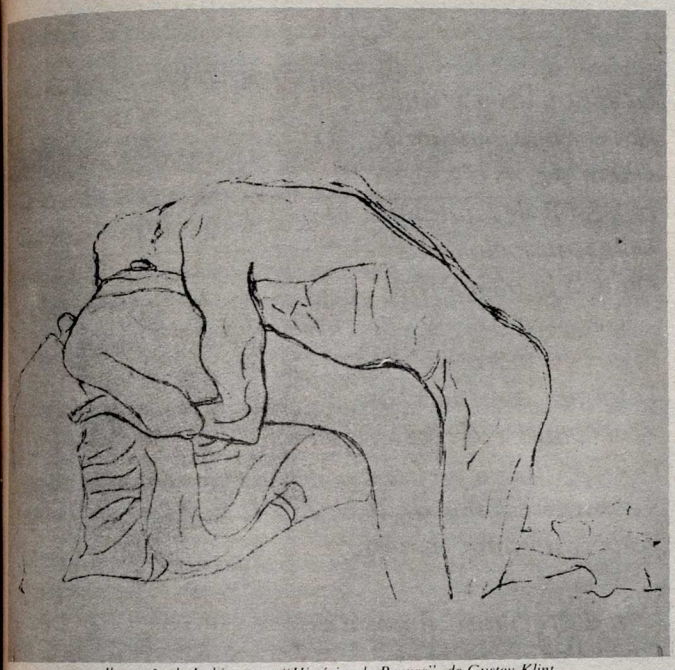


Ilustração de Lukian para "Histórias de Bruxas", de Gustav Klint.

O ato mais decente que o homem faz na terra é o amor físico". Esta declaração é do alquimista da memória, Pedro Nava. Segundo ele, o amor platônico é apenas uma preparação para o ato físico, "que é o que há de melhor no amor".

Esta é sem dúvida uma afirmação corajosa numa sociedade onde se esconde o prazer e o desejo como se fossem chagas, moléstias incuráveis. Perder-se em outro corpo como homem, e não como um macho atormentado pelo fantasma da virilidade, é uma prova profunda de que se pode chegar à plenitude. Ir para a cama e gozar sentindo-se uma mulher, e não uma caça que se deixou abater, é sinal de fortaleza e sabedoria. E ainda existem as fantasias, a humildade, o excesso de refúgio e silêncio.

É no amor físico que o cheiro e a sensação de morte e eternidade estão mais presentes. São dois corpos chegando ao máximo de si. É um pacto de solidão. Uma ressurreição a dois. Uma conversa com os Deuses. A vontade é de transcender. Tornar-se um. Partir quando o sol nascer, ou quando a noite cair. Esquecer a literatura, a crueldade do cotidiano. Inventar versos, sussurrá-los, depois esquecê-los. Afinal, quem precisa deles? Somos a própria poesia.

Há uma grande diferença entre o amor físico e o ato puramente sexual. Quando se ama sexo é revelação. Quando não, sexo é sacrifício, inferno, martírio. Quem faz sexo e não ama terá fome e sede a vida inteira. Irá andar pelas ruas da cidade à procura de qualquer corpo. Vai "gozar" cheio de dor e culpa. Sempre que se olhar no espelho terá piedade de si próprio. Sentir-se-à velho, pobre, enfermo. Terá névoa nos olhos. Os sonhos serão negros e estreitos. Os tambores rufarão por compaixão. O céu, muito cinza, dirá que as estrelas partiram para muito longe.

Amar e deixar ser amado é uma dádiva. É como cavalgar numa planície abençoada, onde apenas os privilegiados têm acesso. Não é preciso ter o melhor cavalo, o mais seguro, o mais belo. Terá apenas que compreendê-lo, entender suas fraquezas, seus limites. Jamais açoitá-lo, mas convencê-lo a caminhar com liberdade. Seja no deserto ou na multidão.

Às vezes a carne é um fardo. Deforma a postura e os sonhos. Outras vezes nos impele para um destino puramente indolor. Vemos então que os nossos disfarces não combinam com o cenário, e que os laços nem sempre são sinônimos de armadilha.

Quando as âncoras são erguidas os desafios se mostram. Agora a lei é navegar e procurar abrigo pelo oceano afora. As vagas, ousadas, simples, embalam o orgasmo do marinheiro que deixou o seu sêmen dentro da fêmea que o amou. Sobre as águas escuras um corpo renasce ao pensar no outro corpo que ficou distante. Perpetuado pelo signo da paixão. Não há caverna mais sublime e sagrada do que aquela que abriga os amantes e suas entranhas de fogo.

Marize Castro (RN) é poeta, jornalista, autora do livro de poemas **Marrons Crepons Marfins**. Editora do jornal **O Galo**.

A PAIXÃO SEGUNDO A MÍDIA:

segunda versão
ou terceira possibilidade

"Sorrisos de uma noite de verão", filme de Ingmar Bergman.

Os discursos da Paixão começam, terminam e recomeçam pelo **MITO. TUDO** se construindo ou desmontando enquanto saudável porque resistente exercício de mitologias. Origens e destinações, genealogias e interpretações, fantasmagorias e historicidades. **NADA**, como experimentamos no cotidiano, escapa aos mídias: do artesanato mais aroeira ou melhor religado teluricamente à hiperconsciência planetária de todas as antenas da raça e pós-modernos. Entre o **TUDO** e o **NADA**, o tempo-espaço dos abismos da Paixão. Quem não se abismou de Paixão nem sequer sonhou... Deliciosamente dilacerador ou ardentemente instigante, o itinerário das paixões humanas, divinas, extra-terrestres, finitas, superhumanas, mitificadas, desmitificadas, é o **MESMO** diferenciador itinerário de incompletudes, carências, suspenses, potências, incertezas, querer mais e melhor, luxo para todos, insatisfações, belezas fugazes e eternizáveis, no corpo-a-corpo **MUITO ALÉM DO CORPO**, eu, tu, ele, nós, todos. Trajetória apaixonante e apaixonada dos seres humanos — às vezes, ou quase sempre, demaseadamente humanista — entre as forças da repressão e os desejos libertários. Por todos esses impasses e autosuperações, ensaiamos a **PAIXÃO SEGUNDO A MÍDIA** em segunda versão ou terceira possibilidade. Além do bem e do mal das perversões rotinizadas. Do campus da **UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA** ao lugar incomum das mesas de bar em bar, os discursos da Paixão encontraram uma consonância com o Departamento de Cultura da Secretaria de Educação de João Pessoa. Porque as paixões discursivas e anti-discursivas continuam sobrevivendo do que tecem, traçam, temem, tramam, transitam e ultrapassam. Perto do coração selvagem das paixões, o impulso de uma geografia tão intimamente suspeita, sutil e sagaz: Natal, João Pessoa, Recife. Triângulo amoroso imprevisível desde que Terezinha de Jesus ou Ana Lúcia Leão gritaram antes de Gal Costa. Giramundo no horizonte das mais férteis desprovincianizações. Entre os pontos e margens do poema-processo às interrogações da marginália tropicalista. Da ótica do cangaço com seus **GUERREIROS DO SOL** à semiótica da Inform**AÇÃO** cultural libertadora. Das **MARCAS DE FANTASIAS** ao **BAGAÇO** de todos os alternativos, mimeografados ou não, xerocáveis ou benjaminianos. Do olhar andrógino recrucificado em **ART-DOOR** à ressurreição da **CARNE DO MUNDO** como **QUIASMA** para todos, bregas e chiques, grevistas e desempregados, funcionários públicos ou intelectuais organicíssimos. Do desejo sem lugar certo às obsessões em louvor de um trabalho compartilhado com generosidade, tenacidade e fôlego para outras felicidades. Entre **TUDO** e o **NADA**, a paixão de sempre, reluzindo, renitente: como situar e problematizar a **COMUNICAÇÃO** ao mesmo tempo como arte e ciência, sabedorias populares e conhecimentos universalizantes, invenção e redundância, consciência transformadora e prazer multiplicador?

APAIXONADOS DE TODO MUNDO, UNI-VOS!
Jomard Muniz de Britto
João Pessoa, 8 de maio de 1989, Universidade em greve, Hotel Aurora.

Jomard Muniz de Britto (PE) é poeta, cineasta, arte-educador. Coordenador do Seminário **A Paixão Segundo a Mídia**, ocorrido de 5 a 9 de junho, em João Pessoa, Paraíba.

Que mistério há naquele mistério?

Dorian Jorge Freire

Amadeu Baptista

Quando eu voltei adulto para minha casa em Mossoró, a primeira impressão que tive foi de que ela encolhera. A casa de minha infância, da infância de minha mãe, da infância de meus avós, ficara menor. Como se a velhice também lhe comprometesse a estatura, vergasse o esqueleto, dobrasse as pernas, apoucasse o tronco. Objetivamente não houvera alteração. A grande reforma feita pelos meus Pais não a deformou, quanto mais mutilou. No entanto, ela estava ali, aberta de novo ao meu regresso, mas menor. Uma ligeira caminhada me levava da porta de entrada ao portão dos fundos. O quintal outrora foi maior. Tão maior que os donos da casa o subdividiram em galinheiros, pocilga e curral, de um lado. De outro, cozinha, quartinho de bater paçoca no pilão, cisterna, quarto do caroço e da macambira, banheiro dos criados. Havia também, naqueles fundos, dois portões. O que sobreviveu era usado por meu Pai quando chegava da rua, por nós quando vínhamos das aulas, por minha mãe no retorno da Escola Normal onde ensinava. O outro era do uso das vacas. Derrubei os quartinhos, o velho banheiro, transformei a cisterna numa imitação de piscina para alegria dos netos, fechei o portão dos animais, e nada. O quintal continuou rápido. Por que? Não sei. Se tirei coisas, não acrescentei outras. O pé de cajarana é o mesmo que minha Mãe plantou aos 12 anos, está agora com 65, rugoso, enorme, as raízes se espalharam pela vizinhança e se multiplicaram em outras árvores. Nenhuma mais pródiga na safra que cobre de amarelo meu chão de infância. Ao seu lado, mais jovem, um pé de cajarana, infinitamente mais modesto. Então? Que mistério há naquele mistério? Será porque derrubei o quartinho do caroço e da macambira onde tantas vezes brinquei menino? Vingança da cisterna? Coisa das almas das vacas ou do espírito do porco? No mais, a casa guarda seu caráter austero. Uma das velhas casas de Mossoró. Basta dizer que na festa da libertação dos escravos, 30 de setembro de 1882, foi lá naquele alpendre que ainda hoje nos serve de sala de refeições, que meus tetravós, antigos senhores, serviram o almoço de seus ex-escravos Merência e Rafael Mossoroense da Glória. Bote tempo nesse antanho. Quando eu voltei em 75, apenas mandei derrubar o gabinete/biblioteca de meu Pai, que tinha três janelas: duas para a praça e a interna para o jardim desenhado por minha Mãe e que lá está até hoje, o chão cansado em volta da maior palmeira imperial da cidade, que modéstia à parte é minha, é nossa, se jamos civilizados. Mandei derrubar porque ninguém depois de meu Pai deveria sofrer naquela sala, ler nela, lá refletir e esconder suas lágrimas. Agora temos uma área metida a besta, um simulacro de living, imaginação de Assis Amorim, de Iridéia e Antonio Amorim, meu amigo da infância a quem não vejo desde o fim da Renascença. Quem chega vê logo o corredor e, no fundo, duas salas geminadas. Minha biblioteca e meu gabinete. Antigamente ali foi quarto e lá eu nasci de madrugada. De lá quero que seja minha semente para ser plantada no sítio onde me esperam meus Pais e Avós. À esquerda da área de entrada, uma porta leva à sala de visita. Ontem e hoje ela permanece todo tempo fechada. Eu menino, ela tinha mais encanto. Aquelas grandes poltronas, o piso de longas e largas tábuas que vieram do Norte, nos cantos das paredes, nos quatro cantos das paredes, líricas cenas campestres pintadas a óleo. Por minha Mãe? Nas paredes, os retratos de meus avós Irinéia e João Capistrano do Couto. Mais para lá, ao fundo, o piano Essenfelder, tormento de minha meninice. "Repita...Está errado... Toque Rose outra vez..." Vizinho à sala, o quarto grande que era meu e que agora, diminuído por um corredor, continua sendo nosso. Adiante, o quartinho da escada. Além do quarto onde minha Avó morreu, onde meus Pais viveram grande parte de suas intermináveis doenças, agora sala de estar, de televisão, de som. Depois a sala de jantar onde não se janta senão em dias de ver a Deus: casamento, 15 anos, festa de primeira comunhão, aniversários agora da netalhada. Saindo da sala, o terraço que é a verdadeira sala de almoço e de jantar. A mesona enorme que me deu Sílvio Mendes. Antes, ao lado um quartinho que servia de despensa (muitas vezes fiquei lá de castigo), o banheiro da casa (agora meio jardim-de-inverno) e a cozinha enorme, que continua muito grande. Embora poucos o percebam de fora, a casa tem sótão. Dois grandes quartos, num dos quais meu avô teve derrame cerebral. Janelões para o jardim interno lá embaixo e dois forros. No forro da sala de visita, eram guardadas malas, malotes, chapéus, cadeiras quebradas, guarda-chuva, sombrinhas, metálicas coroas de defuntos que saíam de lá apenas no Dia de Finados, para voltar no dia seguinte. Embora falem em almas que descem e sobem aquelas escadas, gemem e sussurram nas negras noites, nós nunca vimos nada. Apenas o ruído da própria noite, o estalar de madeira, o assovio de vento. Gemidos? Talvez nenhum. Por que iriam gemer ali nossos defuntos, donos ainda de sua casa, para os quais temos sempre abertas portas e janelas? O que é uma casa? Uma casa é uma casa é uma casa? Não é. É uma vida diante de nós, em volta de nós, conosco. Tem corpo, tem nervos, tem alma, tem dores, tem lágrimas, tem direitos e deveres. Eu amo minha casa como parte indissociável de minha família. Longe, sempre esperei voltar a ela e terminar nela. É uma relíquia nossa. O pedaço que sobreviveu de meus Tetravós, Bisavós, Avós, Pais. O meu pedaço que ficará. O que ouviram aquelas velhas paredes. As alegrias e tristezas, o choro de menino novo, o pranto de dor, o arquejar de moribundos. Os silêncios tão completos. O carnaval de meu Avô folião. Os 15 anos de minha Irmã. Seu casamento. O casamento ali de minha Mãe, de minhas Tias. Aquelas portas (e eu não as substituí, porque elas são minhas testemunhas) quantas vezes se abriram para adeuses, quantas para chegadas. Aquelas mesmas paredes velhas, aqueles mesmos espaços, aquela seca areia do jardim. Às vezes, quando quero pensar sozinho, fico sentado no chão do quintal a cavoucar a terra. "Está procurando botija?" Não, não. Estarei na busca das origens, dos perdidos. Vindo e voltando naqueles corredores, subindo e descendo ao sótão, debruçado nas quatro janelas da sala-de-visita, acordado durante noites e madrugadas que se estiram, eu me pergunto a mim quantos queridos meus fizeram aqueles mesmos gestos, aquelas mesmas caminhadas, aquelas mesmas vigílias brancas. O que eles quiseram antes de mim, o que pensaram, o que sofreram? Às vezes a presença deles ao meu lado é tão extraordinária, que lhes cedo espaço e com eles assumo aquela cumplicidade que liga e ligará sempre os que vivem e os que viveram. Os que vivem esta efemeridade e os que vivem eternamente porque já morreram. Mas, meus amigos, por que de repente minha casa-grande ficou menor?

Dorian Jorge Freire (RN) é jornalista, cronista.

GRUPO OXENTE
e sua arte questionadora

Anchieta Fernandes

O Grupo Oxente, de artistas plásticos em Natal, surgido em 1987, propõe através de performances uma arte questionadora. Em uma exposição no Solar Bela Vista, a 31 de maio deste ano, intitulada "Vômitos, Sinfonia, Incidente do Declínio" utilizaram objetos dos mais diversos tipos, formas e tamanhos. Foi o grupo que realizou o cenário da peça "O Anjo Maldito". E possivelmente, irá participar do Festival de Inverno de Campina Grande, de 20 a 31 de julho (tanto com o cenário da peça "O Anjo Maldito", como com o setor de artes plásticas em geral.

Conversamos com integrantes do grupo, Guaraci Gabriel, Cícero Cunha, Cimeno Enovic e Sayonara Pinheiro e as suas idéias e explicações foram surgindo assim:

— A gente tinha as idéias parecidas e se encontrava. A gente também descobria que tinha um monte de gente com este mesmo pensamento. Aí a gente não se prendeu a um grupo. Botamos o nome Oxente, quando chegamos de Brasília, como um ponto referencial. Quem é Oxente? É um monte de gente que tem as idéias parecidas, soltas, aqui nesta cidade, e que sozinhas não seriam nada. E quando tinha um trabalho ("Está a fim? Está disposto?" — "Estou". — "Então, vamos"). Então, pega a turma toda e vai. O grupo Oxente é como se fosse assim uma necessidade de um ponto para várias pessoas...

— Se movimentarem...

— Em torno deste ponto. Porque se não tivesse assim um ponto, aí todo mundo teria a idéia mas não teria aonde jogar essa idéia. Aí Oxente veio já para abarcar este pessoal em geral, todo mundo...

— Não tem nada a ver com regionalismo. Muita gente pensa logo: "Ah, é do Nordeste! É regionalista!" Claro que a expressão vem do pessoal que vê o trabalho — "Oxente, que diabo é isso?" Inclusive, quando a gente mais ouviu isso foi quando a gente fez a exposição ali no calçadão, aquelas pessoas passando assim e... "Oxente, o que é isso?"

— É o impacto...

— Aí a gente passava lá, e fazendo que não sabia o que era, que era uma pessoa que ia passando, dizia assim: "Oxente, o que é isso? Você acha que isso é o que?" Aí, a pessoa sabia de tudo sobre o trabalho. Tinham umas palavras muito interessantes é que todo mundo percebia a mensagem do trabalho. E às vezes davam até visões que a gente não tinha tido, mas que estavam dentro do trabalho.

— Pois é. E a preocupação da gente, de acreditar no povo, de não fazer coisa fácil. A gente acha que todo mundo tem capacidade de entender qualquer coisa que seja.

— E a gente trabalha muito em cima de um ponto interessante, que é o consciente e o subconsciente. É porque os nossos conscientes estão muito já, assim, chocados, muito abatidos, muito desacreditados. Nosso consciente não está mais acreditando. Então, no momento que a gente joga direto no consciente das pessoas, aquilo passa. Quando a gente joga uma coisa que atinge o subconsciente, a pessoa... "Ué, que é isso, meninos? Coisa estranha!"

— Questiona...

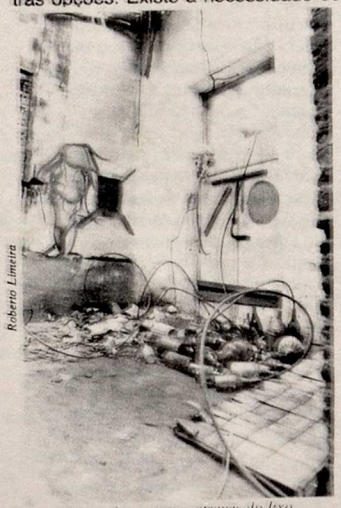
— Saem do ar, achando feio, não gostou ("eu detestei!"), mas a mensagem nossa ela viu e teve uma coisa de interpretação que a levou a não gostar, e este impulso de não gostar é um monte de coisas atrasadas que amerdou... Aí, nosso trabalho também é interessante até para as pessoas que não gostam ("é uma porcaria!"). Mas é interessante para elas, porque a mensagem entra através do visual, ela fica no subconsciente. Aí fica um dia, dois anos, seis meses. Aí a pessoa está com a idéia que a gente quis passar.

(Após eu perguntar se o grupo encontra algo similar em algum grupo artístico por aí afora).

Roberto Limeira

Oxente: gente que tem idéias semelhantes.

— Em Fortaleza, tem. Aqui tem o pessoal que trabalha com restos urbanos, com lixo urbano mas não é a mesma coisa. A semelhança é o querer ter mas não fazer. Tem as mesmas idéias, mas não fazem, não praticam a coisa. Talvez por não acreditarem. Pois é, e só faz se algum órgão promover. Ficam esperando. A gente tem outras opções. Existe a necessidade de outros espaços culturais. Mas ficar morgado por isso, não! A gente cria espaços.



Roberto Limeira

Questionamentos através do lixo.

— Agora, na Europa tem gente com trabalhos paralelos ao nosso. A gente tá trabalhando aqui com isso, lá eles trabalham com outros materiais. A gente acompanha. Mas a nossa realidade é mais caótica. A gente vive a realidade da gente.

— Hoje, quem trabalha com este tipo de coisa são os artistas jovens dos Estados Unidos. Mas porque eles têm muito mais lixo.

(Perguntados se eles do grupo acham que faz parte da cultura do homem a arte juntamente com outras práticas; ou seja, se esta prática artística deles está integrada à prática cotidiana).

— A gente se baseia no momento. Está todo mundo vivendo a situação, o que eles não passam através da arte a gente passa. Inclusive porque eles reprimem também.

— Mas que vivem, vivem!

— É sempre o agora.

— A busca de túneis.

— A gente às vezes até faz espelho. Quando as pessoas chegam, dizem: 'Puxa! É isso mesmo!'"

— A prova foi o último trabalho que fizemos, no Solar Bela Vista. A complementação deste trabalho foi o povo, foram 50 pessoas convocadas, porque faziam parte do trabalho. Pessoas de várias camadas, de todos os tipos. Foi uma intercessão da nossa instalação com as pessoas. A gente é apenas um meio, é como um reflexo, à nossa volta. A gente usou seiscentos metros quadrados para expressar todo este mundão aí, uma síntese do que a gente foi, do agora, do que as pessoas estão vivendo agora. Lembra o cotidiano, uns em casa, outros na rua, uns sobem, outros descem.

— A gente está usando a Técnica de Captação. A gente sabe que esta técnica vai encontrar muitos bloqueios, porque quando disseram que não sei o quê era redondo (a terra), ninguém acreditou. Depois, vieram a acreditar. Então, ninguém acredita assim que... um grupo daqui possa criar uma técnica. A Técnica de Captação é segura, bem estudada. Teve uma das emissoras que foi lá, ver o nosso trabalho. Aí fez as imagens todas, com muita dificuldade, porque a energia... horrível (a gente não fez as instalações todas). Então, levaram ao ar, acreditando que não era Arte. Mas isso a gente já esperava, da ignorância... As pessoas, ninguém acredita (pelo menos agora; vai demorar muito) que um pessoal daqui possa criar uma técnica. Só quem pode lançar é o pessoal lá fora. A gente tem que engolir as técnicas lá de fora que botam, assim... shiis... empacotadas, embaladas, pra gente. Vai ser difícil a gente mostrar, para acreditarem na gente. Mas é muito seguro, a técnica é segura.

— Bom na gente é a não preocupação da gente com críticos de Arte.

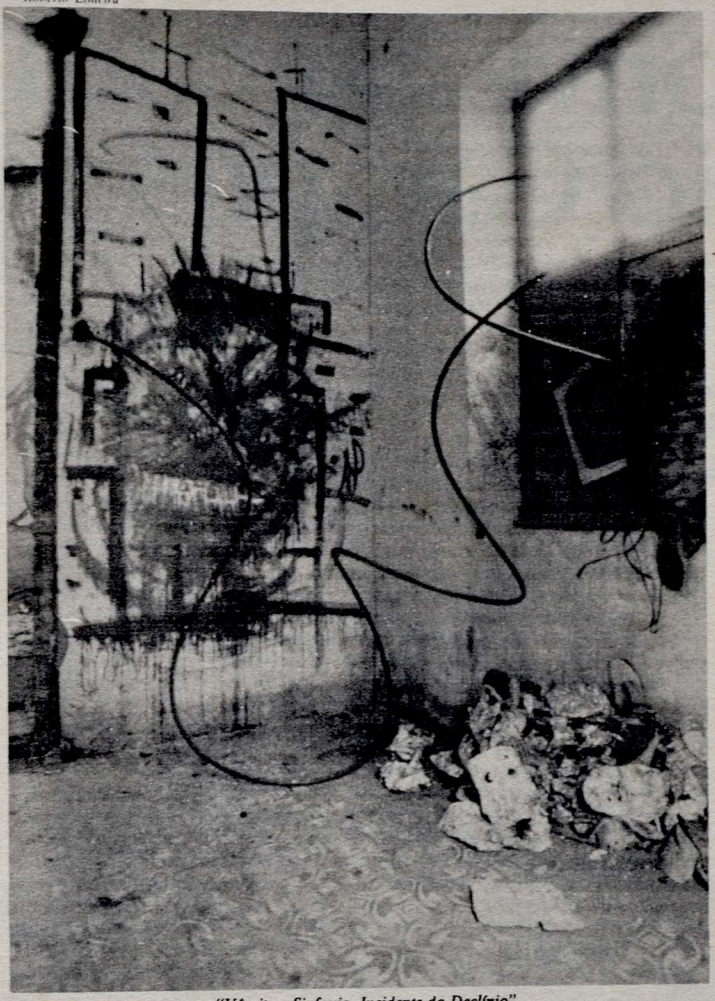
(Perguntados se eles do grupo acreditam que esta técnica deles, a Técnica de Captação, pode-se denominar de Vanguarda):

— De vanguarda, Deus me defenda! Nada de vanguarda, de pós-moderno. Não existe este negócio, estar à frente. Porque o que pode ser vanguarda aqui em Natal hoje, pode não ser ali ou acolá. O que é lá já não é aqui. Vanguarda teria que ser uma coisa única. Escultura efêmera é vanguarda. Mas a gente sabe que Leonardo da Vinci fazia escultura em gelo que se derretia no momento. Efêmera naquela época. É vanguarda aqui para Natal. Quando você atingir ela já não se pode chamar de vanguarda. Agora, sobre este trabalho de captação, a gente não pode rotular de vanguarda não, porque só o tempo é que vai rotular este trabalho. Não sei que trabalho é este, porque é um trabalho muito solto, sem se prender a padrões. É contemporâneo.

— Tem pessoas aí pelos jornais que confundem com Dadaístas. Também não, pelo amor de Deus...

— Depois, esta história de vanguarda... o que existe é uma seqüência, só uma seqüência do que foi, vai sendo a visão da gente. Quem nascer amanhã, já vai ter uma visão daquilo. Seria apenas uma transformação. Quem vai interpretando, já vê de uma outra forma do que quem já viu antes. Por questão de ética, do momento.

Roberto Lúnceira



"Vômitos, Sinfonia, Incidente do Declínio".

(Perguntado sobre como encaram a Técnica de Captação diante de veículos impositores de mensagens, competindo com, por exemplo, a televisão, o pessoal do Grupo Oxente respondeu com algumas conclusões):

— A Rede Globo tem o seu poder aquisitivo, o seu know-how, a tecnologia. A gente não tem isso, mas a gente atinge muito mais o povo. Como a Globo tá na casa da pessoa e dita a coisa, a gente já não dita, a gente chega na rua, bota aqui, e as pessoas que vão passando é que propõem. A Globo atinge um número maior de pessoas, mas a gente vai mais fundo nas pessoas. Exatamente, porque ela, a TV, sempre faz coisas enlatadas, e a gente joga a realidade das pessoas, intensifica o momento e as pessoas é que jogam. E a gente é muito mais verdadeiro que qualquer veículo de comunicação, na maioria notícias falsas. Num trabalho nosso, tinha uma sala que tinha um monte de televisão ligadas para cima, e mangueiras pretas dentro de um cano preto. E tudo chiando, fora de sintonia. E o título do trabalho era "No Ar". E a gente recebeu uma crítica de um menino dos anos 60, que ele parou nos anos 60, disse que não gostou ("O trabalho está muito bom, mas vocês erraram numa coisa". "O que é que a gente errou?" "Vocês erraram porque usaram Deus". "Que estória é essa? Vamos lá" "Está aqui: Amiga, Televisão". "Não, rapaz, a televisão é boa, é ótima, não é ruim, tanto é que a gente faz dela o que quer, a gente vira de cabeça para cima e olhando para o teto aqui, tudo, e elas ficaram, chiando. Agora, quem é ruim é o sistema que usa, a engrenagem. Os meios de comunicação não são ruins, ruins são as pessoas que estão lá, utilizando eles".

(Sobre como encaram a correspondência entre essa ideologia do grupo, e a ideologia do sistema comunicacional, ou seja, se existe um ponto de convergência ou se é totalmente divergente, os do Grupo Oxente responderam):

— É, sim, totalmente divergente. Porque o sistema educacional vem naquela forma massificada, o aluno senta, vai para casa, com as notinhas... Quer dizer: não há o questionamento. A divergência está aí. Porque no grupo da gente há o questionamento na rua, do trabalho, como é passado, a pessoa questiona o que está recebendo, antes de ir para casa. E no sistema educacional, o que é que acontece? O aluno é apenas um depósito. Vem um professor, enche um quadro, o aluno aprende ou não aprende, grava, vai para casa, no outro dia vem de novo. Não há o questionamento que há na nossa Arte. Questionamento, do que a pessoa está recebendo, como está recebendo, e o que tira dali. Porque cada um tira suas conclusões. Não adianta a gente chegar aqui, colocar uma fórmula, aquela pessoa pegar aquela fórmula e achar que aquela forma é fixa, predeterminada.

Anchieta Fernandes (RN) é jornalista, redator do jornal O Galo.

Uma conversa com Sérgio Campos

Entrevista conduzida por Floriano Martins

O soneto não é uma novidade em sua poesia (nem mesmo um artifício ditado por certos modismos); desde o primeiro livro que você o persegue (ou é perseguido por ele), vindo praticamente a estabelecer uma poética **em sua obra. Recordo-me de você me haver dito certa vez: "Faço uma arte arcaica e assusto mais aos outros poetas que ao poder". O que o teria exatamente levado a escrever sonetos?**

Fixei-me às formas clássicas de poesia. Isso advém de minha formação intelectual, de um interesse espontâneo pela linguagem, pela arte greco-latina. Também escrevo esta poesia porque me **individua,** por sinal a mesma motivação da poética de Góngora, como nos esclarece Angel Pariente. Embora tenha figurado entre os "novíssimos", no início da década de 60, em São Paulo, em torno de Massao Ohno, já meu primeiro livro, **A Casa dos Elementos** (1984), evidencia, com suas 6 odes, creio, o rigor, a solenidade e o fervor quase religioso à palavra e à linguagem como espaço de celebração.

Que dizer com relação aos que apontam seu dardo venenoso contra o soneto, acusando-o de decadente (como se o germe do déjà vu **pudesse ser inoculado nas formas literárias)?**

Não me cumpre defender o soneto-forma. Há quem diga, tomando por base elementos de análise literária, ou por absoluta perversidade, que o soneto cumpriu seu ciclo histórico. Que ciclo será este? Que evento fatal o encerrou? Que idade tem a poesia? É certo que, nos albores do século XVII, na Península Ibérica, o soneto, com Góngora e Quevedo, atingiu culminâncias. No entanto, já Fray Luís de León escrevera sob as luzes do "século de ouro" que "hablar no es comun, sino negocio de particular juyzio, ansí en lo que se dise como la manera como se dise". Há todavia, admiráveis sonetos escritos em nosso século, de absoluta modernidade. Ocorre que pesa sobre ele uma invencível maldição. O mau poeta, escrevendo em versos livres, é simplesmente mau; contudo, se escreve sonetos, eles é que não prestam... Ele exige muito do poeta e abriga essa fatalidade de consagrar ou destruir irremediavelmente. Marcam-me, mas não são maioria em meus livros.

Sérgio Campos nasceu no Rio de Janeiro em 1941. Passando a infância em Juiz de Fora, aos 14 anos vai residir em São Paulo, onde concluiu seus estudos na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. À época, integrou o chamado "Grupo dos Novíssimos" da poesia paulista, reunidos em torno de Massao Ohno, figurando em antologias ao ladode nomes como os de Roberto Piva, Renata Pallottini, Álvaro Alves de Faria, Lindolf Bell, Eduardo Alves da Costa, Carlos Felipe Moisés, entre outros. Em 1984, já no Rio de Janeiro, publica seu primeiro livro, **A Casa dos Elementos** *(Achiamé), a que se segue, em 1985, o álbum artesanal* **Bichos,** *com serigrafias de Mário Wagner. Em 1986 publica* **Ciclo Amatório,** *vencedor do Concurso Nacional de Poesia da Universidade Federal de Alagoas, com que recebeu o* **Prêmio Jorge de Lima.** *Neste mesmo ano é premiado no IV Concurso Nacional de Poesia sobre o Vinho, em Caxias do Sul/RS. Em 1987, publica* **Montanhecer,** *com que obteve menções especiais e indicações para publicação nos concursos nacionais Guararapes/PE e RioArte/RJ. Ganha, neste ano, o 1º Concurso Nacional de Poesia sobre o Negro, da Prefeitura de Nova Friburgo/RJ. É nesta cidade que veio a radicar-se a partir de 1978, tão identificado a ela que hoje nos parece impossível crer que algum dia tenha morado em outro lugar. Paulo Rónai, também residente em Friburgo, quando da publicação de* **Montanhecer,** *nos disse o seguinte: "Aqui completam-se e definem-se os traços de sua rica personalidade artística. Sentimos que para ele o campo de criação é inesgotável: qualquer tema que toque adquire* **ipso facto** *um intenso halo poético e insere-se numa cosmovisão original. Vai buscar no tesouro da língua, que conhece como poucos, suas palavras, que ganham nova palpitação, e assumindo sua acepção mais densa, aglomeram-se em conjuntos significativos de estática gravidade. Fecundada pela experiência humana do dia-a-dia, mas também pela leitura, a reflexão e a audição, esta poesia, esta tomada de posse premeditada do universo, desencadeia um hino polifônico à vida". A presente entrevista é o fruto inaugural de vários anos de intensa correspondência que mantenho com este notável poeta. Digo inaugural porque parte de alguns projetos literários nos quais seguimos trabalhando. Sérgio Campos tem colaborado sistematicamente comigo em* **Resto do mundo,** *bem como em diversos suplementos literários do país. Vejamos agora o pensamento do poeta, através dos vários temas abordados nesta nossa conversa.*

FLORIANO MARTINS

Arquivo

Sérgio Campos: "Não me cumpre defender o soneto-forma"

Anoto palavras de André Gide: "O artista ou o sábio não devem preferir-se à Verdade que pretendem anunciar (aí está sua moral). Não devem preferir a palavra ou a frase à Fantasia que querem ambos mostrar: diria que nisso reside toda a estética". Borges, por sua vez, dizia descrer das estéticas, afirmando que elas não passavam de "abstrações inúteis; variam para cada escritor e ainda para cada texto e não podem ser outra coisa que estímulos ou instrumentos ocasionais". O que pensa a este respeito, você que já disse pertencer a "uma linguagem estética**"?**

Minha estética é basicamente a da repetição. Não escrevo poemas semelhantes. Reescrevo um poema elevando a escrita à enésima potência. Webern já exprimia esta idéia ao escrever sobre suas **Variações Orquestrais:** "Seis notas são fornecidas... e o que se segue nada mais é que esta forma repetida, sempre e sempre!" Ademais a linguagem como potência do inconsciente se afirma pela repetição. Ela define o mundo da representação. Como assinala Deleuze, "a repetição pertence ao humor e à ironia, sendo por natureza transgressão". Sim, transgressão à lei moral, onde tudo é bom ou mau. Toda vez que repetimos contra a lei (mormente um prazer, uma sensação erótica, profana), a lei moral nos sanciona. Por outro lado é preciso imediatamente **desacelerar** a escrita. Não podemos concorrer com a velocidade vertiginosa dos fatos. A poesia dos fatos é efêmera. Cabe a propósito lembrar Borges, na palavra de seu interlocutor imaginário: "Ninguém pode ler dois mil livros. Nos quatro séculos que vivo não terei passado de meia dúzia. Além disso não importa senão reler". Penso que reescrever educa/reeduca. Aliás, como diz um bom companheiro, não se escreve mais que meia dúzia de bons poemas na vida; os mais são repetição. Finalizando, em rumo a sua indagação, tenho um duplo de Borges a dizer em suas **Sete Noites:** "O fato estético é algo tão evidente, imediato e indefinível quanto o amor, o gosto da fruta, a água". Fico com este, é claro.

De acordo com John Cage: "Toda influência deriva de nossa própria obra (e não de algo externo a ela)". Acredita que as influências sejam causa ou efeito no contexto geral de uma obra literária? Seria possível enumerar as suas?

O próprio Cage responde, a meu ver, a esta pergunta. Observa ele que "uma idéia, deixando a cabeça onde nasceu, volta transformada". Noto que minhas influências, se assim posso dizer, resultam do retorno (o eterno retorno) das indagações que o poema, fazendo-se, me lança. É um processo demorado, mas, cedo ou tarde, sem cerimônia, as palavras, circuladas, gressam em contraponto e desse

embate resulta o poema. Hesito muito, portanto, em dá-lo como consumado. Tenho inúmeros poemas clamando serem resgatados aos livros em que os inumei. Planejo, a longo prazo, republicar poemas reescritos.

Bataille dizia que todo valor é sorte, "sua existência depende da sorte". Você demorou mais de trinta anos para encontrar-se como poeta, e pode-se dizer que este encontro tenha sido provocado **por um acidente. Um golpe de sorte, certamente. Diria que o acaso rege nossas vidas?**

De fato, fiquei vinte anos sem escrever poesia. Entendi que tudo já havia sido escrito. Este recesso me fez muito bem e melhor ainda a meus raros leitores. Pude ampliar consideravelmente meu universo musical. Nutro pela música paixão idêntica à que voto à poesia. Contém ela portanto esta característica de uma obsessiva busca da expressão musical. Curiosa, a propósito, a carta de Valéry a Gide, em 1891, dizendo: "Estou mergulhado até a cabeça no **Lohengrin.** Esta música me levará, assim o pressinto, a deixar de escrever". Guardadas as proporções, ocorreu comigo fenômeno parecido. Quanto ao pensamento de Bataille, penso que voltei a escrever por uma necessidade interior surgida num momento de crise. Ao fazê-lo, contudo, senti-me como um adulto em busca de alfabetização funcional. Tenho desde então, principalmente na área de idéias, muito me aplicado para diminuir a margem insondável de minha ignorância.

Você me disse certa vez: "Estou cansado de tantas causas. Há causas em excesso no mundo. Deixemos que a casualidade nos habite ainda que por um momento". Até que ponto um escritor tem a obrigação de ver e denunciar as fraturas e taturas dos poderes do mundo em que vive?

A frase reflete um estado de impaciência ante o mundo visto como uma máquina paranóica (daquelas de Guattari & Deleuze) de gerar crises. Estou farto de diagnósticos, dos laudos cadavéricos da realidade. Penso que muitos de nós estão a se portar como esquizóides, ancorados na infância do porquê, quando se mostra evidente que a crise decorre da própria sociedade em que vivemos. Quanto ao final da pergunta, penso não conferir à minha poesia um caráter salvacional ou evangelizador. mas é-lhe inegável a motivação humanizadora.

Se, ao eleger mitos, na expectativa de "iludir o sistema", a arte acaba caindo direto nos braços da ideologia dominante, então caberia ao artista, mais que a simples negação do herói, a negação do próprio tempo do herói, não elegendo mitos nem mesmo como sublimação do aflito. Seria esta então a fórmula que tornaria a arte insuscetível de ser absorvida, metabolizada ou, afinal, expelida pela ideologia dominante?

Entendo que o sistema já metabolizou toda a contestação. A sociedade burguesa tem o fôlego de todos os gatos. Veja as "graphic novels" esgotadas nas bancas: o Capitão Marvel morre de câncer causado pela radiação atômica; Nova Iorque está em chamas; o Homem-Aranha transforma-se em psicanalista (freudiano, creio); fantasmas líricos emergem da memória de um edifício que a especulação imobiliária demoliu. Negar o herói, portanto, não parece produzir maior efeito (elas já o negam), nem mesmo destruir mitos (eles os recriam para as mais diversas finalidades). A sublimação do aflito converteu-se na certeza de ainda fazer a quina sozinho. Restaria uma estratégia consistente numa corrosiva lógica original ("Se é possível a alguém ser processado e viver normalmente, então não há problema em ser processado"). Mas Kafka é sutil e as pessoas parecem não saber mais operar com a lógica. Contudo, mesmo contra as projeções e algumas evidências, penso que devamos continuar trabalhando, esgotando o que Paz chama de "as possibilidades de saúde". A capacidade de sobrevivência ilimitada do homem pode polarizar-se num milênio arrancado às vísceras de um **nihil** reativo.

Recorto um aforismo seu: "Saber é deformar". Acaso poderia nos dizer algo a este respeito?

Entendo que a expressão do inconsciente, ao passar pela percepção crítica do artista (exceto, é claro, na arte esquizo) sofre uma deformação consistente em ludibriar o Édipo de plantão. Numa segunda etapa, ao passar pela cognição do leitor receptor, **deforma-se o deformado.** Ilustro o que digo com um mosaico de citações (lembro que esta era uma paixão de Walter Benjamin). Vejamos as sensações que sua leitura me causam (ou as imagens que me evocam): Barthes: "A função da gaveta é adoçar, aclimatar a morte dos objetos" (o branco); Burroughs: "O que desejo assinalar é que um escritor precisa ter a capacidade de sobreviver a um desempenho irregular" (o tiro de Hemingway); Reinaldo Arenas: "Toda escrita é uma reescrita" (uma árvore bonzai); Borges: "Certas pessoas têm dificuldade em sentir a poesia, daí dedicarem-se a ensiná-la" (arsênico e alfazema); Haroldo de Campos: "... e através de repetidas escaramuças e desarticulamento verbal e ciladas ópticas, capturar em cheio esse antes evasivo e arisco objeto, do qual só se recolhia sua inexpressiva **facies**" (alguma manobra de combate).

Segundo Yeats: "Não começamos a viver enquanto não concebemos a vida como uma tragédia". Diria que o mundo, por si só, justifica o mais completo pessimismo?

Penso que esta afirmação está ligada ao destino trágico da inteligência em todos os tempos. O saber acumulado não tornou o homem feliz. Disse Novalis que "a vida é uma doença do espírito". O homem inteligente tem sido, de fato, um **outsider** no mundo. Mas como disse admiravelmente Hannah Arendt, "... nem que o queiramos não nos livraremos da herança cultural e do conhecimento que adquirimos há milhares de séculos". Assim, mesmo contra as projeções, sigo trabalhando na expectativa (tão claramente antevista por Ítalo Calvino) de que engendraremos juntos um novo tabuleiro cósmico em que o homem não se exponha sempre a um xeque extremo.

Concordaria com Albert Fabri ao dizer que "cada poema é de vários autores, ou seja, de um autor desconhecido"?

Lembro novamente Borges e seu **humour** a ilustrar esta resposta: Incumbido de inventariar o espólio literário de um certo Pierre Menard, vem a encontrar entre seus manuscritos dois capítulos do **Don Quijote.** Menard não **copiara** esses capítulos, mas resolvera, sim, **reescrevê-los.** Borges, após meticuloso exame, conclui que o fragmentário **Quijote** de Menard é mais sutil (...) que o de Cervantes. E assevera: "El texto de Cervantes y el de Menard son verbalmente idénticos, pero el segundo es casi infinitamente más rico". Em relação a este pensamento também me expressei em poema do livro **Montanhecer:** "É sempre o mesmo poema/o que muda são as mãos/sabem o ninho dos gestos/..."

A arte moderna está ligada, como diria Marx, à perda do caráter?

Marx se surpreendera com a capacidade da burguesia em criar e destruir, com a voracidade com que consome e recicla para gerar algum tipo de ganho. Ilustra-o com a epígrafe notável que é "Tudo que é sólido se desmancha no ar", utilizada por Marshall Berman em livro imperdível (à exceção de seu diabólico projeto de repintar o Bronx). Observa Marx que "...o capital transmudou toda a honra e dignidade pessoais em valor de troca". E construiu seu sistema, a meu ver uma utopia que não cabe discutir aqui. Contudo, sua visão da perda do caráter na arte da burguesia parece-me absolutamente correta. Pouco mais tarde Baudelaire viria a taxá-la de prostituição.

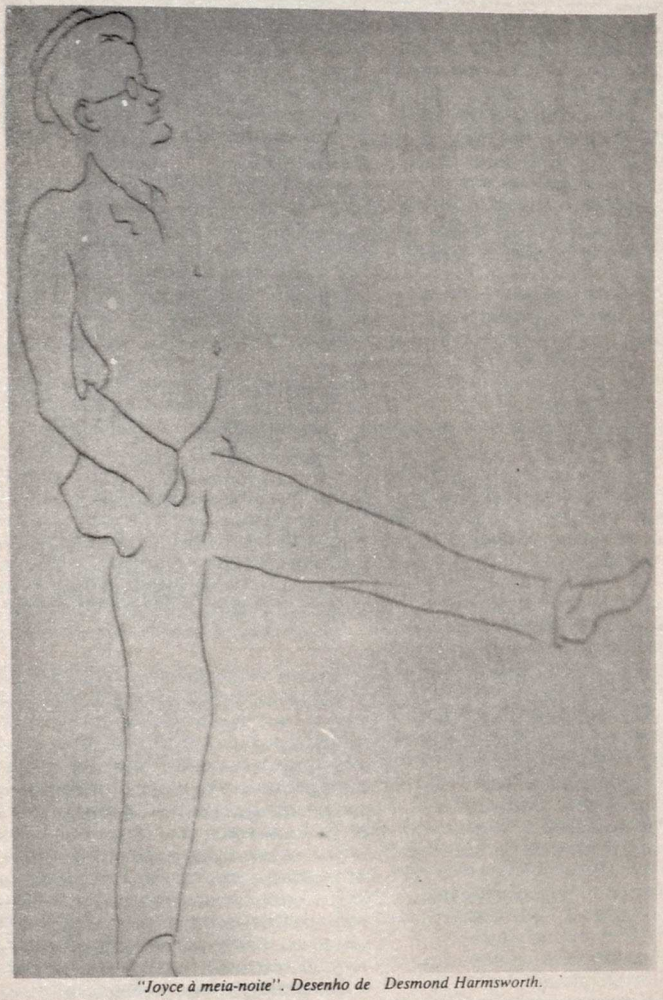
Diria então que a arte já se converteu na própria "instituição burguesa do poético" (conforme a bela expressão do Luís Costa Lima)?

A classe dominante fez de seus subsistemas, na arte, um corredor cultural por onde trafega há já duzentos anos o modernismo como

"Minha estética é basicamente da repetição".

expressão da "liberdade do criar". E aí está ele, com algo da "velha dama indigna" que hoje faz de seu fetiche (ainda) a produção do "novo". Seria uma estupidez negá-lo, mas suas obras fundamentais já haviam sido quase todas geradas no final dos anos 20. Na música e artes plásticas diviso ainda hoje esta modernidade (conceito tão discutido, para alguns vazio). Mas na literatura, mormente após a Segunda Guerra, pouco de importante aconteceu. Ao contrário, assusta-me essa geração crescente de estéticas descartáveis a serviço da indústria cultural, ao lado do **hortus conclusus** de intelectuais e artistas de elite (alguns deles — reconheço — de invejável competência) a administrar a arte de vanguarda deste século como propriedade privada. O pós-modernismo teve o mérito de abrir essa **caixa-preta,** trazendo consigo a saudável idéia de que uma visão do mundo não supera outra, convive com ela, na feliz expressão de Teixeira Coelho, resgatando o humanismo à fenda histórica que o devorara. Todavia, deixou-se abandonar de compromissos e projetos, ficando a mercê da **mídia,** que o reconverteu à arte-moda do mundo burguês, que se alimenta de seu abismo. Isso resulta, a meu ver, em paradoxo, pois as pessoas que vivem a moda e correm alucinadamente contra seu próprio espelho, estão, no íntimo, emitindo patético apelo por um mínimo de solidez e confiança. Talvez aqui encontre a força de um compromisso: tentar, com rigor e consistência, a tradução poética desse apelo.

Floriano Martins (CE) é poeta, tradutor. Editor do jornal **Resto do Mundo,** editado em Fortaleza.



"Joyce à meia-noite". Desenho de Desmond Harmsworth.

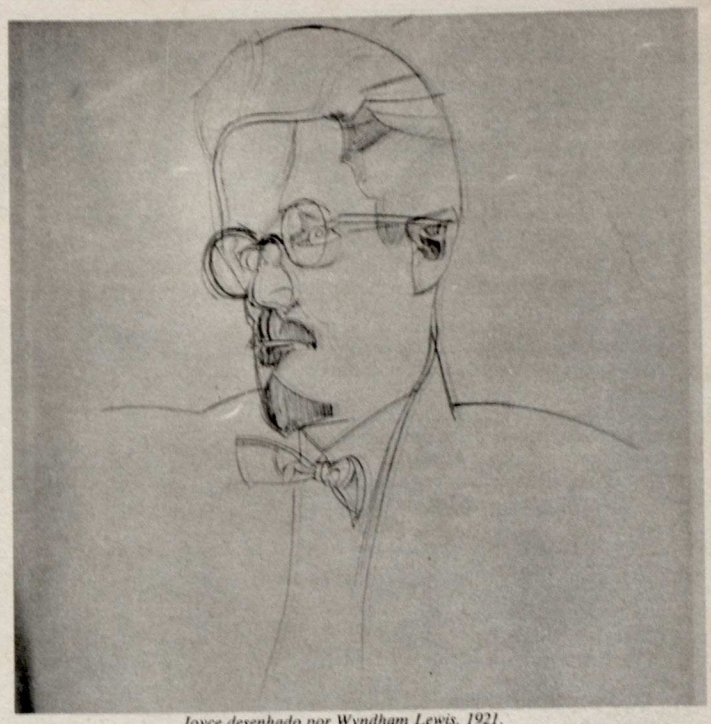
U*nite to give praise to Ulysses";* todos os sérios homens de letras, Ezra Pound, Ibsen, Yeats, Shakespeare, Homero, Stuart Gilbert, Budgen, Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Augustus John, Sylvia Beach, Valery Larbaud, Robert McAlmon, John Quinn e Ford Madox Ford, Nora e Stanislaus Joyce, Oswald e Mário de Andrade, Italo Svevo, Harriet Shaw Weaver, Richard Ellmann, Jorge Luis Borges e Virginia Woolf, T. S. Eliot, Antônio Houaiss, Auguste Morel, José Ma. Valverde, L. Sterne, Synge, Aquino, Vico, Carpeaux, Henry Ronse, Michel Butor, Jacques Borel, Jean-Michel Gardair, Umberto Eco, Paulo Leminski, Édouard Dujardin, William P. Jones, José Geraldo Vieira, Ludovic Janvier, Denis Roche, Roger Kempf, René Micha, Hélène Cixous, Jean Schoonbroodt, François van Laere, W. Y. Tindall, Roy Gottfried, John L. Brown, Josephine, Lucia Joyce, Kenneth R. Stevens, Kenneth D. Jackson, Joseph Evans Slate, Paul Léon, Jane Ford, John Kidd, Jacques Aubert, Pierre Joannon, Georges Belmont, Anthony Burgess, Edmund Wilson, José Paulo Paes, Virgilio, Ovidio, Keats, Oscar Wilde, Swift, W. W. Skeat, John Gross, Dostoiévski, Aristóteles, Nietzsche, Edward Garnett, H. G. Wells, Maurice Beebe, Irene Hendry Chayes, Frank O'Connor, Harry Levin, Hugh Kenner, Kenneth Burke, Wayne Booth, Robert Scholes, Daedalus, o grego, Samuel Beckett, Philippe Soupault, John Joyce, Brancusi, J. W. Goethe e Dante Alighieri, Anna Livia, e todos os poetas e artistas do futuro do presente do passado, Wagner, a última página de Ulysses, Borges y la Primera, W. Blake, Glória in excelcis, Praise to Ulysses, o livro de Kells, Martello Tower, 8:00 a. m. do dia 16 de junho de 1904, na praia de Sandycove, Stephen Dedalus, Buck Mulligan, Telemachus, overlooking Dublin Bay, Haines, a young Englishman student of medicine, our sweet mother, Ah, os gregos, recordá-los no original, grande parte do Glória de James Joyce's Ulysses, merecida como é, deve-se aos que não podem lê-lo no original dos gregos e troianos, Ah, Stephen, our sweet pátria, a Grécia, Introibo ad altare Dei, Língua, a Pátria, o Exílio, Haines-Stephen-Mulligan, brash young medical student, Usurper, vive torturando Stephen, Pagão, Pola, Roma, Trieste (1904-1915), aqui os episódios começam a se manuscreverem, Dedalus, um exilado em Dublin, muito mais parece um medieval às portas do século XX, a Escola de Nestor, o episódio das 9:45 a. m., a Aula de Filosofia da História, as Questões monótonas de Stephen, Milton's Lycidas, Mr. Deasy, os Boys, Miramar, Serafim e Brás Cubas, Martha Fleischmann, H. Schwartzkopff, Schnaiderman. O relógio bate 10 horas, Mrs William Murray, Charles Lamb, as Aventuras de Ulysses, copiadas do original, o episódio de Proteus, 11:00 a. m., a praia de Sandymount, Stephen Dedalus caminha alone before going to newspaper office to deliver Deasy's article, sua mente está uma tempestade, as mil formas de Proteus (in Homer's story, Proteus is the creature that constantly changed shape to escape telling Menelaus what he wanted to know), nada acontece nesse episódio, pouca ação, Stephen caminha pela praia, à distância, algumas criaturas, Ineluctable Modality of the visible, Assinaturas de todos os signos, aqui para ler, as escrituras da natureza, Thoth, invenção de poetas, Noferkephtah, os Nautas épicos, o primeiro Ulysses, desolado, torturado d'amores, a gruta de Calypso, 8:00 a. m., Mr Bloom, em terno preto, 7 Eccles Street, o quadro da Ninfa, o dia memorial do herói desconhecido, desde o breakfast até midnight, o morto para sepultar, Mil e uma Noites em um dia, os sonhos de todos os marinheiros, Helena de Troya, as cartas que escreveram, Martha Clifford, Blazes Boylan, de súbito a guerra, Zurich, Trieste (1915-1920), Paris (1920-1939), as cartas de todos os amantes em chamas bélicas, Bloom em Dublin, um herói que nunca foi à luta, solitário, um tiro na memória, Rudy, o filho que não tive, Molly, a ninfa na alcova, outra face revelada, aqui começa o dia, um dia em que um grande sol nos espera, uma claridade das 8:00 a. m., junho, íamos comprar kidney de porco, Leopold ocupa um pequeno espaço na cozinha, ao longe corre o Liffey em lendas correntes, P. Dignam, onde estás agora que a tristeza se instalou nesta casa?, o clima que ro-

PRAEC
PA
ULY

Fran

NIUM
A
ES

deia as coisas, Molly, a tua voz ainda soa por entre os livros, Love's Old Sweet Song, isto anda tudo ligado (fragmentos), Romance-Odisséia em 18 episódios e 3 partes, Telemaquia, Narrativa e Retorno a Ithaca, no quarto, pude ver the Bath of the Nymph, esplêndido trabalho de arte em cores concretas de linguagem, os monólogos dentro deste quarto agora recortados de imagens, o périplo de Bloom à volta de Dublin, uma outra hora, about 9:45 a. m., The Lotus-Eaters, from northwest to southeastern, o caminho do cais, Westland Row, Trinity College, the baths on Tara Street, um homem de preto, vinha da prisão, da guerra ou do exílio, altera-se o símbolo, Eucaristia, Lotófagos, what time is the funeral? 11:00 a. m., Hades, procissão fúnebre atravessa a cidade, dois tiros na memória, Bloom, um pai suicida, Rudy, os personagens enlutados são movidos pelo destino e ordem do eterno retorno (nós estamos no cemitério Glasnevin), Paddy Dignam, Deus se lembre de sua alma, os ritos funerários começam, Non intres in judicium cum servo tuo, Domine, Eu sou a ressurreição e a vida, o Mito, o nada que é tudo, resuscitare, despertai-vos para render louvor to Ulysses, Horacio, Ovídio, Virgilio, todos os grandes homens de letras, levantai-vos para a celebração in memoriam de Ulysses, de novo reanimai-vos, o que estava morto agora vive, palavra vivifica, é hora de despertar-vos do sono, tu, Whitman, Thee, ever thee, and thou America das odisséias espaciais, Gigante adormecido, é hora de ressurgir, Finnicius Revém, o Liffey, sombras e assombros, Elpenor, Paddy Dignam, do mais profundo abismo de Hades I clamo por ti, Father Coffey, Eu ouvia seu nome like a coffin, então, aqui é Hades? Ah, esta passagem pela mansão dos mortos, de súbito, mais um tiro na memória, Ulysses lembra sua mãe, épica audição para o concerto das nações, Aeolus, acertar os ponteiros do relógio, 12:00 noon. A cena deste episódio se passa na agência do Freeman's Journal and National Press, tem o Editor como símbolo, a arte é a retórica, o Vermelho colore o cenário, ventos funestos sopram agitados, uma folha de mim atira-se para o Oriente, decifra-se Mallarmé pela analogia de códigos, escritura enigmática, lógica poética, raciocínio por justaposição, Jornal, tudo é código, escrituras diagramas, Signo radial, onde proliferam as signâncias, iconização da mais perfeita ordem diária, Ortográfico, demoramos no exame do código, da música, da tempestade das palavras, da frase, da curta frase que vinha da língua de Aeolus, naquele episódio do dia que retardamos para o exame do código, este, posto que velho, valia por mais de trinta novos (Stephen tinha uma escritura jesuítica), tal foi o intróito a Circe, uma frase se esgarçando, no texto do missal trazia anotações de manuscritos, notas que desde que ouvi pela primeira vez, assumiu a expressão adequada ao código do diário monólogo de L. Bloom, naquele dia memorial, onde recordamos o código do Jornal de Dublin, no 16 de junho de 1904, um diário de notícias, o Jornal, as portas, o vento, o barulho, Mr Bloom, Mr



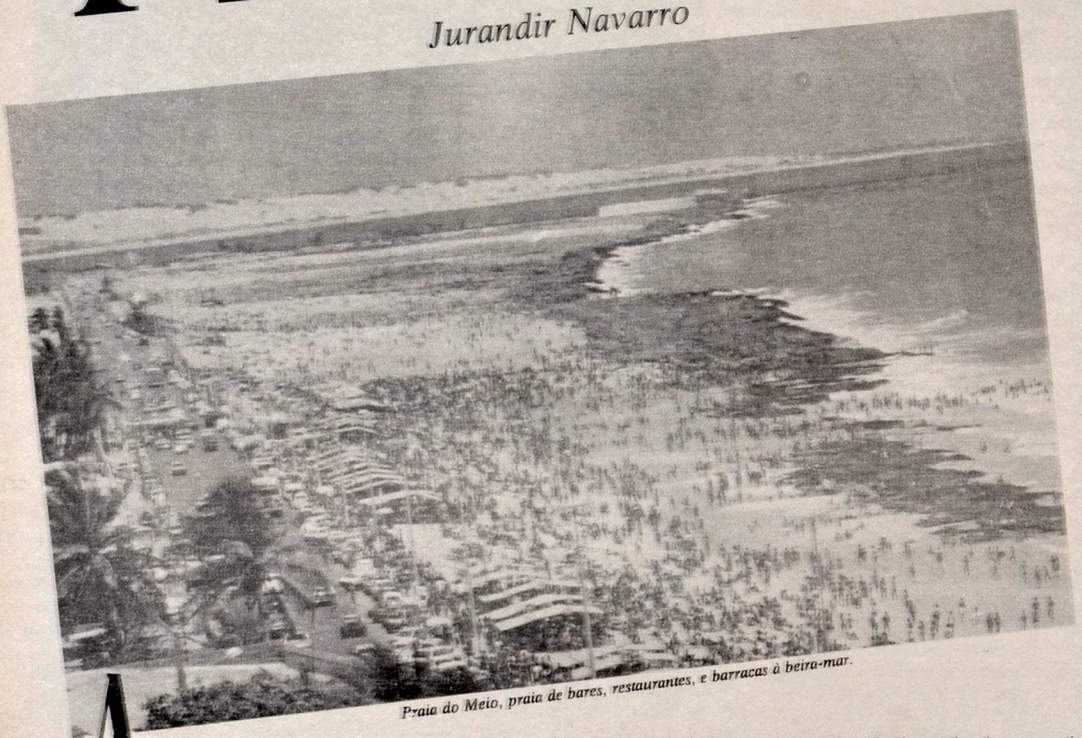
Joyce desenhado por Wyndham Lewis, 1921.

Keyes, o Editor, todos se demoraram no exame do código, Stephen, o Editor falou sempre uma linguagem da razão fria e da vontade certa, YOU CAN DO IT, Myles Crawford, Mr Dedalus, o código, o labirinto, Professor MacHugh, Ned Lambert, a eloqüência de um Dan Dawson, VIVA VOICE by Ned Lambert, Stephen aparece (neste episódio Stephen e Bloom se aproximam um do outro, mas não se encontram), segue-se outro episódio, The Lestrygonians, 1:00 P. M., Bloom atravessa Dublin, from the river by way of Grafton Street south to the museum, re-feição teatral da lida, da vida hora simbólica, lunchtime, canibalismo cultural, devoração do prato do dia, a obsessão dos famintos, a solidão de Bloom ao meio da cidade agitada, o tempo passa, e já são duas horas, temos de atravessar Scylla and Charybdis, A Biblioteca Nacional, Stephen, intelectualmente, brilhante, Bloom aí está consultando um jornal da província, Stephen domina a cena com seus argumentos literários, *"Ele prova por álgebra, que o neto de Hamlet é avô de Shakespeare, e que ele mesmo, o fantasma de seu próprio pai"*, very peripatetic, a fábula fantasmagórica, Stephen é Hamlet no espírito da paternidade literária, Unite to give praise to Ulysses, Hamlet, Homero, Shakespeare, Joyce, Ulysses, no meio do caminho de nossa vida, um episódio in memoriam, um capítulo episódico, a vida de Bloom/Joyce, The Wandering Rocks, 3:00 P. M., vida lendária corrente, caímos no episódio das Sereias, 4:00 P. M., o Hotel Ormond, o bar, a música, O, Idolores, queen of the eastern seas!, Bloom, alone, sad, ataram-lhe as mãos, e mergulharam de episódio adentro, I feel so sad. P. S. So lonely blooming, o episódio das 5:00 P. M., the Cyclops, o riso, a sátira, de carne humana está o Ciclope farto, afinal, quem é a persona?, ninguém, imaginária, fantástica, uma conversação sobre a mais ampliada leitura, de passagem por episódios, agora vem o 13, Nausicaa, como num quadro, Bloom é visto na praia, cidadão enlutado, vem de um enterro, Sancta Maria, Ora pro nobis, Gerty MacDowell, Cissey Caffrey e Edy Boardman, Refugium peccatorum, a voz no som da palavra, 10:00 P. M., The Oxen of the Sun, Benedictus fructus ventri, genesis da criação, a concepção de Ulysses, a idéia é o crime cometido contra a fecundidade pela esterilização do ato do coito, O Gado do Sol, símbolo de fertilidade poética, um emblema, etc., Circe, ou o bordel de Bella Cohen, ali, Stephen e Bloom se transformaram em mil metamorfoses, parecia ver Ovídio, midinight, Dublin Nighttown, o perigo, adoro o perigo, Stephen, I am thy mother's spirit, o herói partiu tonto das mitologias de Circe, Eles se vão a caminho de Itaca, Eumaeus, a voz do herói soa ébria das mitologias do mediterrâneo, Ulysses de volta, não voltamos ao poema épico inteiro, deste, temos apenas fragmentos, Eumaeus adota a poética do fragmento fabular, Itaca, inventário da fortuna homérica, quem é o herdeiro?, como eles voltaram a Itaca?, o que significa Itaca?, Itaca, estabelecimento dos princípios, a forma de catecismo, começar o princípio do fim, como Penélope tecendo e destecendo a teia, tecendo Ulysses, 2:00 A. M., e Stephen?, foi escrever o Ulysses, Molly/Penélope, textura grega da fábula em labirinto irlandês, a rainha de Itaca tornou-se a mais vulgar na língua de Joyce, Sweets of the Sin, Yes.

Francisco Ivan (RN) é poeta. Professor do Departamento de Letras da UFRN. Representante Regional da Associação Brasileira de Estudos Irlandeses.

PRAIAS

Jurandir Navarro



Praia do Meio, praia de bares, restaurantes, e barracas à beira-mar.

As praias são como as mulheres: bonitas ou feias, alegres ou tristes, jovens ou velhas, e de águas mansas ou traiçoeiras, tranqüilas ou revoltas.

Entendo como praia o espaço banhado pelo oceano e a parte litorânea que a circunda, compreendendo os seres viventes aquáticos, aéreos e terrestres, assim como a vegetação, os arrecifes e os morros, além da brisa refrescante.

Há praias recortadas, outras curvas e algumas de talhe delgado e de reto perfil, dependendo do capricho da energia cinética de suas ondas e da direção dos ventos, no contornar os obstáculos naturais.

As vagas se precipitam mais aqui, recuando mais além, até mesmo caprichando desenhos geométricos bizarros, na areia molhada, quando o oceano recolhe suas águas, na maré vazante. E logo desmanchados pela ação eólica ou do próprio mar, quando se adianta, na maré alta, apagando o que fez, como Penélope, que desmanchava de noite o que havia tecido durante o dia, na sua famosa tela, ludibriando os seus ansiosos pretendentes, às espera de Odisseu da guerra de Tróia...

A propósito disto pode-se invocar Mill, quando certa vez afirmou que quem quisesse caluniar alguém escrevesse, escrevesse na areia bem perto das ondas...

Natal é conhecida pelas suas belas praias, fazendo parte da sua geografia não somente as do seu perímetro urbano; mas, ainda, as que se situam no litoral de municípios vizinhos.

Alçando vôo com as asas da imaginação e da memória, farei uma apreciação resumida sobre algumas delas, como as observo.

A praia do Forte se mostra aos nossos olhos, como uma diminuta enseada, prodigalizada pelo remanso formado com a maré cheia.

Tal imensa piscina é a atração, na sua preamar, dos banhistas natalenses que não se deslocam para outras praias dos litorais norte e sul da bela Cidade.

Afigura-se um recanto privilegiado, emoldurando seu lindo cenário o Forte dos Reis Magos, que lhe deu o nome, algumas dunas ao lado e a baixa cordilheira de arrecifes que a protege do avanço dos vagalhões, amortecendo-lhe o ímpeto.

Deve-se a sua descoberta à urbanização daquela área. Antes, era ocultada pelas dunas e a suas plácidas águas, imagina-se, visitada por Nereidas, coroadas de pérolas, ali trazidas por velozes Delfins. Tais entes marinhos, metade mulher, metade peixe, se despediram daquele recanto aprazível e rumaram para o alto-mar, com a chegada, àquela praia dos banhistas natalenses.

Tem essa praia alegres momentos nas manhãs de sábados e domingos sendo de tristeza as suas tardes. O manto da noite a cobre à hora do surgimento da estrela d'alva; e, quando insone, ouve, pela madrugada, ainda o ressoar dos lamentos dos feridos aprisionados no castelo de Keulen, ao lado, quando soprava o vento norte, gélido qual neblina, nas escaramuças de séculos passados.

Outra praia digna de menção, aqui, é a de Areia Preta, que me viu menino. Já teve o seu apogeu como pólo turístico. No presente, é tal mulher idosa e tristonha. A sua beleza de outrora dissipou-se como as cores do arco-íris, pintadas em instantes e em instantes evaporadas. A causa do seu envelhecimento precoce foi o avanço do oceano, rugindo à procura de espaço na areia.

Ao passar por ali, a mocidade motorizada não lhe dedica nem mesmo um olhar de soslaio, ignorando o seu passado de esplendor, quando a sociedade natalense ali se reunia para banhar-se naquelas cálidas e límpidas águas, e, à noite, programar encontros descontraídos ao relento daquela atmosfera salutar, também, para o espírito.

O seu sol bronzeara perfis femininos, qual o de Cordélia, palpitantes de vida e nas suas altas vagas deslizava a esbeltez masculina, nos arriscados "jacarés" (turf de peito), tal os campeões Nilsen e Jahyr.

Hoje, com a maré alta vespertina, as suas tardes mostram uma desolação. Da praia do Pinto (Miami), sua vizinha ao sul, também devastada pelos elementos naturais, se ouve o gemido dolente de suas vagas, a baterem de encontro à muralha de cimento pelo homem erguida, soluçando, com saudade da perdida juventude.

Bem cuidada e de ruas emplacadas, algumas em tipo itálico, a praia de Kutuvelo localiza-se entre a vila do Jiquí, cheia de sítios verdejantes, e a praia de Pirangi do Norte, rainha coroada daquela orla sul.

Falésias escarpadas, debruçadas sobre abismos, contornam sua fisionomia geográfica desde a Barreira do Inferno. O seu relevo, mais baixo do que ao

Farol de Mãe Luíza. Entre a praia de Areia Preta e a Via Costeira.

da sua vizinha ao sul, fez com que, através da gravidade, a água do oceano se derramasse avançando e encurtando a formosa praia.

Praia de doce inspiração, Kutuvelo é privilegiada por admirável horizonte talássico. Todavia, um clima de nostalgia invade a sua atmosfera. É uma praia triste. No entanto, magnífica é a sua paisagem líquida e floral. Dos seus coqueiros se avista o fim do mar, quando o olhar se debruça, repousando, no longínquo firmamento de ondas azuladas.

A sua tristeza não está envolta pelo véu do sortilégio, dos encantamentos, mas pelo fatalismo topográfico da Natureza.

Inundada de tristeza é a poesia de Auta, o amor de Heloísa e a tragédia de Sófocles. Porém, de beleza inexcidível, despertando todas as emoções da alma.

O lilás ostenta o matiz lutuoso, mas embeleza a pedra ametista com o prodígio das cores.

O tom violáceo, nas ondas da luz, não encerra somente o sentimento do pesar. Como o da esmeralda, o matiz da violeta poderá, também, ensejar tranqüilidade de espírito e infundir confiança.

Príncipe de Mégara, Niso ostentava uma madeixa roxa nos seus cabelos. Era o seu talismã contra os perigos que ameaçavam o seu trono. Uma noite, caiu em desgraça quando, dormindo, a adaga da traição cortara-lhe a madeixa da sorte.

Das estações do dia, a tarde é a mais triste. Porém, quão esplendoroso é o entardecer de Kutuvelo! É ela a praia da Tarde. A sua tristeza é de uma doçura comparável à claridade bruxuleante da vespertina hora.

Olavo Bilac, na noite de sua vida, fez a apologia da Tarde. Elegeu-a como a fase mais linda do dia.

A tarde é o caminho final trilhado pelo carro de Apolo durante sua trajetória diurna. Nesse percurso a sua luz pinta o céu de tons variados: na aurora, é róseo, para depois tornar-se azul safira e, por fim, tingir-se de púrpura no crepúsculo.

À tarde, a luz do topázio encobre a atmosfera de Kutuvelo de um céu envermelhecido e dourado de labaredas, qual a roda de fogo que ocultava o corpo de Brunilde adormecida, e dali salva pela coragem do herói nórdico, cavalgando através do anel em chamas...

"Alva! natal de luz, primavera do Dia, não te amo... Amo-te, ó Tarde triste... sob os véus dos mistérios..." em cuja face "resvala trêmula lágrima...", expressava emotivo o acima mencionado poeta pátrio.

O coqueiral da entrada de Kutuvelo, defronte ao mar aberto, balouçando as altas palmas sussurrantes, parece dizer como Shelley, para a brisa daquela praia, o que este poeta exprimiu na sua **Ode ao Vento:** "Faze de mim tua lira, como a floresta o é".

Poética é a praia dos Búzios com seu farfalhante coqueiral à beira-mar. A torrente das chuvas que sobre ela se precipita, na estação invernosa, é absorvida pelo areal dos seus lindos morros, formando olheiros que, submersos, escorrem por gravidade para a praia; trazendo, com a umidade, o mosquito hematófago que infelicita a vida dos veranistas. Uma plantação de eucalípto, plantada à beira-mar, drenaria aquele lodaçal esverdeado e perfumaria a praia encantada. Soberba é a sua paisagem marinha, com abundantes coqueiros. Compridona, qual Genipabu, será, no futuro próximo, um atraente pólo turístico.

Imagino, às vezes, ter essa praia retido parte das águas diluvianas. O filho de Urano deve ter visitado, em épocas longínquas, esse colosso líquido e a ninfa Cirene ter deitado vinho, ali na praia, nas labaredas da ara sagrada, em homenagem ao deus náutico.

Extensa que é, a vista humana não abraça os confins dos seus domínios de alvacentas areias e de águas de matiz turmalino.

Com a maré seca seus banhos são convidativos em certos trechos. Na hora em que o sol declina para o poente, a fimbria do crepúsculo cobre de melancolia a sua atmosfera.

A fada da alegria somente a visita nas manhãs radiosas.

Sob o aspecto social a praia da Redinha antiga já teve o seu fastígio, rivalizando, no tempo, com a da Areia Preta. Assemelha-se, presentemente, a uma idosa e alegre matrona, porém, alquebrada pelos anos, exibindo-se um tanto desleixada.

A sua resistência inglória contra o pedaço do mar, ao lado da costa, enrugou-lhe a nobre fronte, com a linha de suas casas invadida pela fúria das águas indomáveis, repetindo o que houve com a praia de Olinda, no litoral pernambucano.

A sua famosa coroa, fixado pela tradição oral com o nome de **croa,** por currutela, deu-lhe o título de princesa das praias natalenses. Essa croa era um imenso banco de areia, diminuta ilha, duas vezes por dia descoberta e duas vezes mergulhada no oceano, pela alternância das marés.

Com o avanço marinho, ocupando espaço na praia, a pitoresca croa, outrora alcançada a nado (toquei os pés nas suas úmidas areias), soçobrou bruscamente, permanecendo submersa, qual a lendária Atlântida, respeitadas as proporções e a idília Philéa.

Ao lado do Maruim, sanguessuga que lhe deu nome, prepondera, em parte, o mangue, vegetal hóspede do rio que passa, formando gamboas, um pouco dali distante, e sujando aquela área com detritos heterogênos.

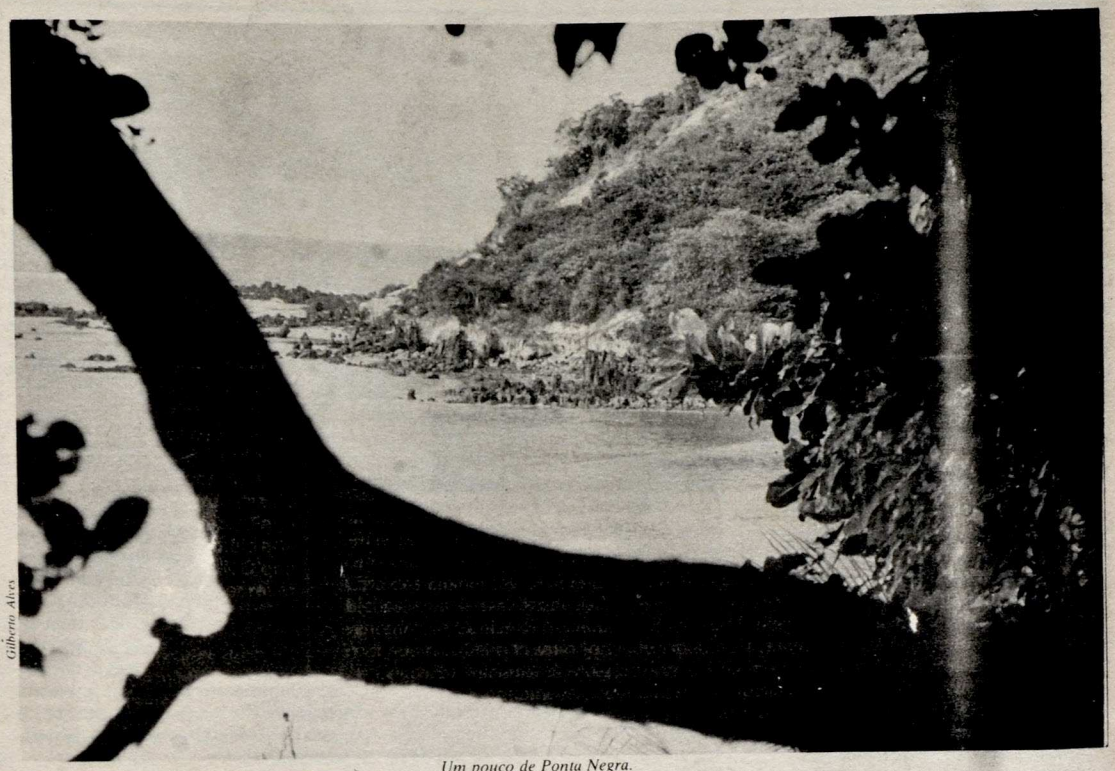
Perto do antigo trapiche, via-se típico mercado onde, pela manhã, os veranistas saudavam o bom dia ensolarado, com o cheiro ativo e gostoso do peixe frito no dendê baiano.

Defronte, além, avistava-se a silhueta do seu clube, onde o primeiro grito de carnaval tradicional ficara.

Ao lado, plantada num pequeno monte, alteava-se graciosa Capela de Nossa Senhora dos Navegantes, que mesmo erigida na pequena elevação, era avistada pelos pescadores em alto-mar, e por sua torre orientados.

Num dia certo de verão havia o desfile fluvial, com numerosos barcos engalanados e festivos, em homenagem à Santa Padroeira, corso piedoso e até poético, que fazia a travessia do rio.

Muitas páginas foram escritas sobre aquela paisagem talássica, musa encan-



Gilberto Alves

Um pouco de Ponta Negra.

Foto: Richardson Sant'Anna

Dunas e coqueiros. Assim é Genipabu.

Foto: Richardson Sant'Anna

Coqueiros, realce permanente das praias natalenses.

tada do "Potengi amado", vista, parcialmente, da murada da fortaleza dos Reis Magos e contemplada da praia do Forte.

O inclemente progresso tem, aos poucos, desgastado a sua fama de praia eleita. A travessia fluvial a bote, cujas velas brancas eram sopradas pelos ventos alísios, emoldurando o belo cenário marinho, é agora feita através do asfalto, via Igapó, no qual trafegam os veículos a motor de explosão, pela ponte "Governador Walfredo Gurgel", poluindo a natureza e poluindo o homem.

Nos dias atuais, a praia da Redinha antiga faz lembrar uma velha sereia, cujo canto mavioso não encantaria nem mesmo o herói Ulisses, se vivo fosse...

Situada no coração da Cidade, a praia do Meio exibe-se qual típica praia de marés traiçoeiras. Nela, os banhistas terão de se acautelarem ou se metamorfosearem em Perseu, para, com sua coragem, enfrentarem as ondas em fúria da sua fabulosa Medusa, que cobrem os locais daqueles extensos arrecifes. Em quase todos os seus trechos o perigo é ameaçador.

Assemelha-se, às vezes, quando visitada pelo mau tempo, ao clima psicológico do porto de Áulide, às vésperas do sacrifício da virgem Ifigênia, quando o vento adverso adiou a partida da frota grega de mil navios, em demanda de Tróia, que ia resgatar Helena, a mulher mais bela do mundo.

Praia de caldeirões! Quantos não desfaleceram e foram tragados por suas águas indomáveis! É a linda praia a de mais elevado índice obituário. Em certos dias fatídicos, suas verdes ondas parecem tomadas por impulsões esquisitas, formando perigosas correntezas.

É ali o domínio de Melpômene, a musa da tragédia.

Encanta aos olhos quando contemplada da balaustrada da avenida. Mas, ai daquele que se deixar seduzir pelo canto mavioso de suas vagas! O banhista deve se premunir ao se adentrar no seu líquido salinoso salpicado de espumas.

A sua visão deslumbrante é enganosa como enganosa a miragem do deserto.

Enganosa como as águas do poço do Vale da Morte, do deserto de Nevada. Ao viajor que ali chega sedento, após atravessar largo percurso de areias cálidas, avista um pequeno poço de águas límpidas que se assemelha a um espelho de cristal. Parecem puríssimas. Mas, ai daquele que a bebe. Elas contêm arsênico, diluído do seu leito sedimentar, daí a sua diafanidade. São águas que matam de dores atrozes quem delas tenta desalterar a sêde.

Foto: Richardson Sant'Anna

Praia de Genipabu, famosa por suas dunas.

O mesmo se dá com o meio aquoso dessa praia natalense, vista do alto da balaustrada da avenida: cenário magnífico, mas que esconde o perigo mortal da emboscada.

Nessa praia a alegria explode com o sol da meia noite, nos seus bares, restaurantes e barracas à beira-d'água, nos fins de semana.

É a praia da Noite, toda iluminada e festiva e de música colorida por canções para todos os gostos e prazeres de enlevo sensitivo.

Uma vez por mês, a lua cheia é convidada a participar da festa, emoldurando, com seus raios de prata, o esplêndido cenário marinho.

Pirangi do Norte é uma praia alegre a qualquer hora, como se nela palpitasse o coração de uma feliz sereia de cabelos verdes que tivesse furtado o amor do pescador, qual a do conto de Oscar Wilde.

Decantada já fora em prosa-verso por Raimundo Nunes, que saudou o seu luar prateado.

Antes da curva do horizonte visual, em que une o céu ao mar, ao longe, se avista uma linha escura — o pesqueiro, que é sinal de baixa-mar. Quando não é divisado, a preamar se faz presente, encobrindo-o, docemente, com o afago de suas ondas espumantes.

Maravilhoso é o banho de Pirangi.

Animada e festiva no Verão tem o melhor carnaval daquela área litorânea, atraindo os veranistas das praias vizinhas para a APURN.

A conhecida Banda do Cajueiro que eletriza toda orla, conta com a animação, dentre outros, de Raimundo Antunes, Maxwell, Mário Dourado, Inamar, Jales Almeida, a liderança de Agamenon, a extroversão de Sérvula, Justina e Linda, a beleza alegre das moças, a explosão de Barbosa e a postura artistocrática de Augusto Severo, o poeta da praia, todos na crista da onda da folia.

O seu símbolo turístico é o seu famoso Cajueiro — o maior do Mundo, como se propala, sendo hoje patrimônio público.

É Pirangi um lugar aprazível para o repouso e higiene mental e espiritual

Numa ponta de praia se apresenta poético recanto, que os veranistas batizaram com o nome carinhoso de Prainha, em cujas águas, Daliana, sua musa, pintou de verde os olhos, e do ouro do sol poente matizou os lisos cabelos.

Afigura-se, esse braço de mar, pela sua fisionomia geográfica, a uma como esmeralda engastada entre os seus arrecifes negros e os pretos rochedos da praia de Kutuvelo, ao lado.

A Prainha já nasceu bonita. Lembra uma graciosa mocinha, bem delineada nos seus contornos plásticos, estando na idade em que o amor desabrocha para a vida, período em que se tem "o desmaio da fartura", na expressão ovidiana.

A sua configuração geográfica a identifica a uma propriedade privada, tal o seu diminuto tamanho, com fronteiras naturais, represando suas cristalinas e esverdeadas águas, qual a fonte de Dirce, de líquido cristal translúcido.

Durante o dia, deslumbra-se ao sol, toda radiosa, para, à noite, vestir-se com o véu ametista da tristeza, em virtude do seu isolamento. Amargurada e ansiosa, porta-se tal Calígula, que tinha medo das sombras noturnas, e insone ficava perambulando pelos silenciosos aposentos reais, clamando em delírio pelo amanhecer, que finalmente era trazido nas asas rubras da aurora, e anunciado pela estrela-lúcifer, montada nos seus cavalos de marfim.

Assim se apresenta ela, em vigília, ao ouvir o murmúrio das ondas e o sussurro do vento uivante, na escuridão da noite longa.

Com a maré de lua cheia a alvacenta espuma da crista de suas vagas cantantes beija toda extensão dessa pequena e formosa praia.

Qual o lago sagrado da lenda, no mais fundo das suas águas se esconde a preciosa pedra verde, senha e dote do robusto guerreiro à linda amazona, para a festa do luar nupcial.

Pirangi é uma praia de calor humano. A sua fada é a mimosa ninfa Tália, a graça da juventude e da formosura, sorrindo, com uma rosa na mão, num carinhoso gesto de anfitrioa acolhedora, empunhando, também, um ramo de murta, o símbolo da alegria.

Tal noiva de idade núbil, começa a se enfeitar, para o himineu com o sol, que lhe acaricia os cabelos verdes de sereia, com seus raios fulgentes e brancos.

O espelho trêmulo de suas águas reflete a imagem de Aspásia, a bela e culta hetaira grega, que, mesmo na velhice atraia a mocidade da Jônia para contemplar a sua beleza.

Passando ao lado do antigo Rio Doce, através da costa, após atravessar a Redinha antiga, se avista uma ponta de alvas areias repleta de coqueiros: é a praia de Santa Rita. Dobrando aquela quina natural e seguindo-se adiante, sempre bafejado por uma brisa agradável, depara-se com a visão esplêndida do início de outra praia: — a bela Genipabu.

Nessa ponta, anos passados, deparei-me com uma ossada de pequena baleia, cetáceo enorme, que veio dar à beira-mar por motivos ignorados.

Seguindo, o viageiro começa a penetrar numa das praias mais atraentes da Grande Natal. Verá, no alto, à esquerda, o branco morro, palco da deslizagem dos bugres que enfeita aquela visão panorâmica, na arriscada descida

Foto: Richardson Sant'Anna

Ponta Negra. Ao fundo o Morro do Careca.

e vertiginosa queda, que mexe com os nervos de quem se arrisca na precipitação, sendo local escolhido dos jovens turistas.

Adiante, ao lado, se acha a pousada "Ilha da Fantasia", aprazível área de lazer de José Cláudio e Maria José, onde se toma um bom caldo de cana com limão, para aliviar a sede.

À frente, o doce salgado mar, convidativo a um mergulho, com suas ondas que gostam de correr, na maré enchente.

Quem se propuser a percorrer todo o seu areal terá de andar muito. É um litoral que se exibe como dos mais extensos. Contudo, vale a pena conhecê-lo.

Imitando a praia de Búzios, Genipabu mostra locais em que o praieiro habituou-se a chamar de "mar aberto", sendo perigoso o banho ali. No entanto, noutros trechos não há o que temer das suas águas saudáveis. E, símile à de Ponta Negra, o banho é raso, como se diz.

No seu extremo sul há um local em que a água não se apresenta cristalina, havendo em sua suspensão detritos minerais brilhantes que enriquecem o seu meio salinoso, como se provindo de medicinais areias monazitas ou matéria de outros mundos, lembrando a água prateada da Gruta Azul da Ilha de Capri.

A musa Urânia, que rege o curso das estrelas, poderia, numa alta noite, ter derramado, em Genipabu, uma chuva de matéria estelar incandescente, abrilhantando aquelas águas. Uma estrela cadente, desviando-se da sua rota em espiral, projetaria detritos que, se Francilaide e Maria Ângela, da sua casa, tivessem presenciado a sua queda em vertigem, veriam luzes de freqüência azulada, em forma cilíndrica, caindo no oceano naquela noite, e ofuscados ficariam os seus olhos pela singularidade do espetáculo feérico.

Tal poderia ter sido a causa do depósito em suspensão daquele material estranho naquele meio aquoso.

Se Urânia assim não deliberou, um motivo mais natural teria ocasionado aquele fenômeno, na encantadora praia de Genipabu, tempos passados.

Deslumbrante é o visual de Ponta Negra. Nela tudo respira beleza e irradia emoção. O seu morro **Careca** é o mais imponente de todo litoral natalense. A sua enseada, a mais ampla e simétrica da orla marítima.

Farta era a sua pesca de tainha, xaréu, peixe espada. Depois, a poluição sonora afugentou os cardumes para longe.

Uma sua característica: é preciso penetrar muito em suas entranhas para o nível d'água cobrir o banhista. É uma praia rasa, como se diz. Na curva do seu famoso morro há um local conhecido: o pocinho, onde as ondas quebram contra o vento sul, daí desmaiarem antes de chegarem à beira-mar.

Menor do que Copacabana, maior do que Boa Viagem e mais linda do que Iracema, Ponta Negra exibe-se como um dos cartões de visita principais da Cidade Presépio.

Arquivo

Redinha, praia de pescadores.

Foto: Richardson Sant'Anna

A lua de todas as praias.

Outrora já era conhecida com sua Vila nativa lá no alto, mas de difícil acesso. Com a melhoria do sistema viário, o fluxo ligou-a ao centro da cidade. Hoje, tem vida própria qual uma pequena cidade. Não é mais um balneário de veraneio, porém, um bairro domiciliar igual a outros, constituindo-se num oasis refrescante no cálido deserto das metrópoles.

Tal, a diferença entre Ponta Negra e as demais praias da Grande Natal: ela, totalmente urbanizada com seus serviços básicos em pleno funcionamento, com os melhores hotéis a cinco minutos de distância.

O que faz perder a sua poesia de outrora, como o perfume da sua brisa e da flora dos seus morros, antes cobertos de cajueiros e de vegetais silvestres.

Assemelha-se a praia de Ponta Negra a uma mulher **moderna,** que, de tão exibida, vulgarizou-se; perdendo a atração própria do sexo, e, com ela, o encanto natural envolto no véu de mistério da mulher recatada.

A praia de Maracajaú derrama suas águas no sentido norte, depois das bandas do Ceará-Mirim. É uma praia aconchegante, até agora em estado selvagem e de beleza natural, onde se ouve, ainda, o doce gorgeio dos pássaros, por se achar distanciada das ondas gasosas e sonoras da poluição.

Magníficos panoramas descortinam o seu firmamento que deslumbra os espíritos mais sensíveis.

À sua entrada, através da sua vila nativa, o visitante é recepcionado pelo murmúrio suave de sua brisa, balouçando as folhagens dos seus altos coqueiros.

Olhando o mar de frente, o viandante se depara com o seu Farol plantado dentro do oceano, que, além de despertar curiosidade turística, ilumina a vasta escuridão noturna orientando quem nas águas navega, lembrando, também, gigantesco vagalume a atrair, com sua luz intermitente, as aladas e negras falenas de asas brilhantes, para a dança esvoaçante da noite marinha.

Maracajaú se alonga por muitos quilômetros de areia branca e começa a ser conhecida e visitada devido à sua solidão repousante, à sua natural beleza e por sua abundante pesca da lagosta e camarão, os deliciosos crustáceos da nossa costa pesqueira.

Dizem que no Verão passado repetiu-se, ali, a pesca milagrosa, quando Pedro, o Pescador, lançou a rede do outro lado, puxando 153 peixes saltitantes, que o barco voltou à beira-mar inclinado de tanto peso.

Numa saliência da praia se avista gracioso espaço ocupado por farfalhante coqueiral e que se alonga por linda enseada, chamado **Ponta dos Anéis,** cuja história está envolta no mistério do mito e na fantasia da lenda.

Nascida numa concha de pérola, uma sereia encantada, de pele bronzeada e de cabelos de matiz áureo-violáceo, foi trazida pela brisa até a pitoresca **Ponta dos Anéis,** de Maracajaú, como as ondas que levaram Vênus à ilha de Chipre.

Tinha ela a ardência do sol e a suavidade da lua. Pela manhã, mergulhava no mar e ficava na linha d'água onde quebram as ondas, para usufruir do banho refrescante e oxigenado das espumas. À tarde, sentava-se na pedra das caravelas lilases, semi-submersa, contemplando a vibração da ressaca das vagas, beijando os arrecifes de coral. E, à noite, com os olhos cintilantes de Minerva, costumava contar as estrelas do céu, apontando para elas, chegando a criar uma verruga na ponta do dedo, confirmando a fábula.

No terceiro dia de lua cheia, as pedrinhas da praia que sua mão tocava, se transformavam em colares de búzios para cobrirem os ombros nus, nas noites de festa. E, numa manhã primaveril, essa sereia encantada metamorfoseou-se no cisne de Leda e deslizou, com o seu porte elegante e altivo, pelo grande lago azul salgado.

Segundo a tradição oral, um pescador daquela praia ficou vêsgo e com os olhos de peixe morto, de tanto olhar para ela.

Uma canção de amor, entoada pela harpa do vento, embala os sonhos da bela sereia, nas noites quentes de Verão.

Jurandir Navarro (RN) é escritor. Membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

PERFIL DA MÚSICA (IV)

Uma Marca dos Tempos e das Civilizações

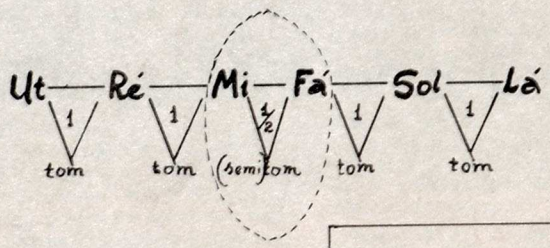
Pedro Ferreira da Costa

A Música Medieval (b)

UT queant laxis
RE sonare fibris
MI ra gestorum
FA muli tuorum
SOL ve polluti
LA bii reatum
Sancte **I**oannes...

Para que nós
deixemos livremente ressoar
a força
dos teus admiráveis feitos
apaga-nos a culpa
dos lábios enganosos
ó São João...

A Guido de Arezzo se atribui o mérito de haver encontrado novas orientações para o esclarecimento da teoria musical. Ele relacionou a progressão dos sons a um modelo único de quatro intervalos de 1 tom e um de semitom no centro, e os designou com os nomes:



que são as sílabas inicias dos seis primeiros versos desse antigo hino a São João que tem suas notas progressivamente ascendentes. Pouco a pouco ia-se entendendo a necessidade de, ao lado das figuras que determinavam os sons, se poder representar os seus valores de duração. As primeiras tentativas vieram da escola de Notre-Dame (entre os séculos XII e XIII) baseando-se em dois valores de tempo: a **longa** (𝅝) e a **breve** (𝅜), posteriormente acrescentados os valores da **dupla longa** (ou máxima) e da **semibreve** quando tinha origem a **Ars Cantus mensurabilis** em virtude da definida proporção entre as durações. Com o advento da **Ars nova** (séc. XIV) configuram-se os **modos rítmicos** (ordines) e se acrescentou à prevalência da marcação **ternária** a subdivisão **binária,** bem como se introduziu um valor menor do que o da semibreve, a **mínima** (em oposição à máxima).

Primeiras Manifestações Polifônicas

O canto a várias vozes teve normas preestabelecidas somente a partir da Idade Média. Os documentos mais antigos procedem do séc. IX e estão contidos no **De Institutione Harmonica** (do monge Ubaldo de Santo Amand — 840-930), e no **Musica Enchiriadis** (anônimo). Neles se encontra o **organum** (ou diafonia), canto a duas vozes (vox principalis e vox organalis) que se movem em sentido paralelo com intervalos de 4ª ou de 5ª, diferente do **gymel** em que as vozes se encaminham por intervalos de 3ª.

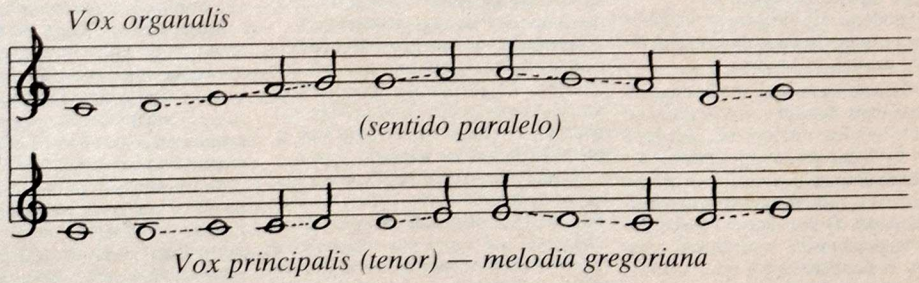
No organum a vox principalis reproduzia uma melodia gregoriana colocada sempre numa posição mais aguda. Daqui tem origem o **discantus,** também a duas vozes que tomam direções contrárias (enquanto uma nota sobe, a outra desce e vice-versa) contrapondo-se em relação à vox principalis (ou **tenor**).

Gradualmente se juntaram às vozes do organum e do discantus uma terceira (**triplum**) e uma quarta nota (**quadruplum**) fazendo também surgir a exigência de uma exata determinação dos valores de duração dos sons, de onde nasceu o mensuralismo.

A prática do organum freqüentemente ligada a formas de improvisação sobre um canto conhecido, entrou em declínio no final do séc. XIII, dando lugar a formas polifônicas mais complexas. Entre os autores de organum destacam-se Leoninus e Perotinus da escola de Notre-Dame.

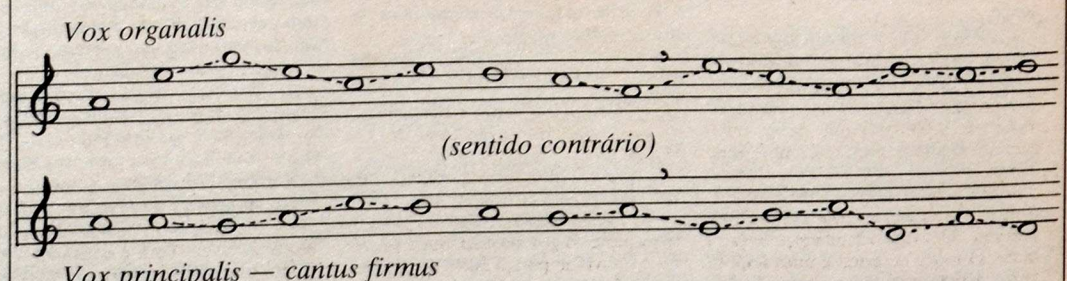
Pedro Ferreira da Costa (RN) é regente do **Coral Canto do Povo,** da Fundação José Augusto.

ORGANUM



Vox principalis (tenor) — melodia gregoriana

DISCANTUS



Vox principalis — cantus firmus

— Nos intervalos acima estão observados entre as vozes os intervalos de 3ª., 4ª., 5ª. e 8ª..

O VALOR DA DANÇA E DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Anchieta Fernandes

Grupo de dança Acauã, dirigido por Edson Claro

No dia 2 de junho, foi lançado com noite de autógrafos em Carmem Studio, no Hiper Veículos, o livro "Método Dança — Educação Física — uma reflexão sobre consciência corporal e profissional", de Edson Claro. Edson, além de autor pedagógico deste livro sobre o tema, também dirige grupos de dança, e trabalha com pessoas do lado do esporte, já que ele próprio é esportista, atleta que já participou com sucesso em competições de volibol e salto em altura.

Conversamos um pouco com Edson, e ele deu esclarecimentos sobre a sua área de trabalho e opinou sobre alguns assuntos. Sobre o que é mais importante, a dança ou a educação física, para ele, "na Educação Física, enquanto trabalho original, todas as áreas do corpo devem ser interligadas. Na Dança, é importante o trabalho do bailarino, tradição com ramificação oriental. Dança e Educação Física se interligam. O importante é acabar com o ranço histórico, de considerar que dança é só para quem tem o jeito, o jeitinho para dançar..."

Sobre a música que acompanha a dança: "Às vezes, a música não é importante. O silêncio também é importante. O toque corporal é mais importante. Existe uma coisa chamada Arquitetura da Dança. Então, se existe um balé clássico, importante é que se conheça esta dança histórica. Mas já houve o caso de música clássica com o movimento de dança moderna. Isso ainda ramifica em Pop, sapateado, Afro e aspectos regionais como o Folclore. Aliás, chamo a atenção para uma pobreza de espírito, que pode acontecer em Natal, por pertencer ao Nordeste: é a de se apegar a este tipo de temática — folclore —, que isto já acontece no Rio Grande do Sul, com as danças típicas, como a Chula e outras. A dança é universal, é abstração, expressão da consciência do movimento do corpo. Arte não tem fronteiras, a não ser as delimitadas pelo próprio ser humano".

E o que é consciência corporal?

— "É você perceber as energias que correm dentro de você. No sentido filosófico, oriental, a possibilidade do corpo ser relativo e não absoluto. Ter os movimentos de **propriocepção**, que depois vira **interocepção** e **estetocepção** (que é o contato consigo próprio para depois contatar o meio ambiente)".

Estes conceitos são dados nos colégios?

— "Sim, a Educação Física como é dada por mim, que tenho curso de Pós-Graduação".

E qual a importância da Dança e da Educação Física para o idoso?

— "Já existe um trabalho muito bonito na parte da gerontofilia, que é prevenir o indivíduo para o curso da degeneração. E nessa parte do trabalho, é importante que o indivíduo se movimente, desenvolva o trabalho corporal, tanto a nível individual, como a nível coletivo. Importante é que a pessoa se integre. É preciso desmistificar os estereótipos sobre a Terceira Idade. Estas pessoas podem ser jovens, enquanto espíritos integrados, completados de dança, de canto, de música. E isto permite superar o que pode levar uma vida a uma estagnação. No meu Método de Dança — Educação Física, já conseguimos atingir um trabalho com a Terceira Idade muito bonito".

E a importância da comunicação, o visual da dança e da educação física?

— "Corpos bem trabalhados e harmônicos fazem bem a qualquer vista. Como executam a dança e a educação física, demonstram alma, espírito, vida. Independentemente de ser os estereótipos (Monique Evans, Luísa Brunet etc.)."

E onde entra a sensualidade propriamente dita?

— "Nós — eu e você —, que temos constituição física franzina, temos a nossa sensualidade. O Jô Soares tem a dele. Sensualidade — é importante você perceber que você nu, sem nenhum segredo, é algo que lhe apraz sem chegar às raias do narcisismo. Sensualidade, aliás, nunca é um jogo solitário. É um jogo entre dois corpos. Jogo de comunicação. Uma freira é também sensual, aquele jeito meigo do rosto em meio às vestes religiosas é sensualidade. Pode-se melhorar muito a sensualidade, para se acabar com a hipocrisia, falsa moral e valores estéticos impostos pela sociedade..."

Anchieta Fernandes (RN) é jornalista, redator do jornal **O Galo**.

MESTRE VITALINO

A realidade da vida nas mãos

Marize Castro

Lampião. Escultura em barro cozido do Mestre Vitalino (acervo de Câmara Cascudo)

Arquivo

Mestre Vitalino. Mãos sagradas.

Afagar a terra. Conhecer os desejos da terra. Assim viveu Vitalino Pereira dos Santos. O Mestre Vitalino. Um homem próximo de Deus. Dono de mãos sagradas. O homem que deu o sopro da vida aos bonecos de barro.

Nascido em 10 de julho de 1909, no Sítio Campos, em Caruaru, Pernambuco, Vitalino fez seu primeiro trabalho em 1915 — um gato maracajá trepado numa árvore, acuado por um cachorro e o caçador fazendo pontaria —."Uma senhora do Recife gostou e comprou por dois'tões", contava Vitalino na sua simplicidade.

Tocador de pífano, criador de sua própria Zabumba. Um exímio flautista. Patrono do artesão brasileiro. Um artista "homenageado" (chegou a receber a medalha Sílvio Romero). Injustiçado. Ludibriado. Morreu em 20 de janeiro de 1963, na sua casa (paupérrima), no Alto do Moura, após ter previsto sua própria morte.

Um paradoxo sem igual! O artista morre pobre, esquecido, sem auxílio do Estado após ter sido ovacionado por esse mesmo Estado. Singular Ironia: As peças de Vitalino são vendidas por verdadeiras fortunas, com exposições permanentes em vários museus da Europa. Em vida, fez doações de 250 peças ao Museu de Arte Popular de Caruaru, atendendo solicitação da Prefeitura da cidade.

Muitas promessas. Quase nenhuma cumprida. Vários planos. Quase todos desfeitos.

Hoje, quem reclama, quem reivindica, quem fala em alto e bom som é seu segundo filho, Manoel Vitalino Pereira dos Santos, 54 anos, também artesão. Trabalhou vinte anos ao lado do Mestre. Afagando a terra. Respeitando-a. Manoel reclama do descaso dos órgãos de cultura com o artesão brasileiro. "Eles fazem um pouquinho e dizem que fizeram muito". Segundo Manoel, o artesão — principalmente o analfabeto — é visto como artista de segunda categoria. O Mestre Vitalino foi uma vítima desse pensamento colonizado e preconceituoso dos "responsáveis" pela cultura nesse país.

Desabafa Manoel: "No Brasil, a arte popular é indigente, sempre desprestigiada, e os que fazem são ainda mais injustiçados. Em primeiro lugar está o ser humano, o artista popular tem que ganhar com dignidade para viver com dignidade. Não adianta eu ser filho do Mestre Vitalino, persistindo na luta para continuar o trabalho do meu pai, e continuar pobre, doente, sendo explorado, vivendo dentro de um ônibus entre Pernambuco e Rio de Janeiro para vender algumas peças. Tão importante quanto a arte é o artista"

Maria Bonita. Peça do Mestre Vitalino (acervo de Câmara Cascudo).

Virar as costas para o artista em momentos difíceis, segundo Manoel, é uma constante dos órgãos responsáveis em promover a cultura. No caso específico da comunidade de artesãos do Alto do Moura, a conseqüência maior desse descaso será a extinção da tradição dos bonecos de barro. Por que continuar a fazer bonecos de barro, dá-lhes vida, suor, paixão, se o final do seu criador é sempre o mesmo, sofrido, solitário, esquecido, doente? "Eu tenho lutado para que os meus filhos continuem nessa arte". Continuar o belo trabalho do Mestre Vitalino é uma luta incessante de Manoel, que segura com unhas e dentes os seus filhos (o mais velho tem 20 anos) no Alto do Moura, para que eles não deixem que a tradição do barro vire uma caricatura, uma traição à arte do Mestre Vitalino.

Diz Manoel: "A história do meu pai é uma história bonita, mas ele sofreu muito, como eu estou sofrendo, talvez os meus filhos e outros jovens artesãos não estejam mais dispostos a passar por esse sofrimento. Eles estão estudando e a qualquer momento podem descer do Alto do Moura e ir para a cidade, tentar viver uma vida mais digna. O artesão brasileiro não tem a mínima assistência, se nós ficamos incapacitados

noel Vitalino: *"No Brasil, a arte popular é indigente".*

produzir nós morremos de fome, é
esta acontecendo comigo, estou
um problema na mão, e com o
irmão Amaro, que está com um
blema na vista".
m esta postura, Manoel Vitalino
o como um maldito. "Neste país
luta, fala a verdade, é tido como
ou é encostado, não serve. Já me
taram para eu mudar de estilo —
uma continuação da arte do meu
trabalhar com forno elétrico,
zer peças em série, mas até o últi-
da da minha vida eu vou trabalhar
o Mestre Vitalino, em forno de
a minha última peça ainda terá
os dentro do estilo da arte do
pai, isso eu vou manter, se não
ar eu não posso fazer nada, essa
dade está dentro de mim", proclama
noel Vitalino, numa manhã de do-
o de muito sol em Natal, acompa-
ão de Paulo Mulatinho, um estu-
o da arte do Mestre e Silke Sch-

Mulatinho quem nos conta: "O
s dizia que na sua terra era mais
rtante trabalhar com as mãos do
om a cabeça, pois as mãos produ-
omida e a cabeça produz confu-

m pensamento simples e sábio de
rmem simples e sábio, que no pró-
dia dez de julho faria 80 anos de
mento. Precisamos aprender mais
Vitalino. Precisamos conhecer Vi-
. Aprender que a realidade da vi-
meça nas mãos. Dedo algum é
ao outro. Todos têm sua impor-
, seu valor. Não esqueçamos Vi-
. Um homem que traz no próprio
a vida. Um nome **vital** para a
cultura do nosso país.

Castro (RN) é jornalista. Editora de **O**

As mãos de Vitalino

Rafael dos Santos Barros

De Vitalino as mãos eram mãos santas
que modelaram em barro os nordestinos
e transportaram a dor e os desatinos
para os bonecos, tantas vezes, tantas.

Bonecos tristes quantas vezes, quantas?
minha alma cega por meus olhos viu
a tua dor meu coração sentiu
no canto triste que ainda hoje cantas.

Soprou-se a vida num boneco mudo
quem sem falar, assim dizia tudo,
dos nordestinos, dos destinos seus.

Advertência dos que nascem pobres
pelas mãos rudes que ficaram nobres,
abençoadas pelas mãos de Deus.

****

Biografia do ceramista Vitalino

Diariamente faço verso
Cumprindo meu destino
E escrevo poesia
Pra adulto e menino
E em rima deixo escrito
A vida de Vitalino.

Os genitores de Vitalino
Eu deixo em vesejação
Era Marcelino Pereira
E Josefa da Conceição
Quem afirma é o poeta
Da cidade do artesão.

Afirmo com exatidão
Para todos os recantos
Em 10 de julho nascia
Vitalino Pereira dos Santos
De 1909
De mim não são espantos.

Vitalino Pereira dos Santos
O imortal da humanidade
Ainda muito criança
Com 6 anos de idade
O seu primeiro trabalho
Tornou-se realidade.

Com toda realidade
Na biografia está
Seu primeiro trabalho
Foi um gato maracajá
Assim desta maneira
Eu posso relatar.

Depois do maracajá
Prosseguiu com seu destino
Em barro fazia tudo
Neste solo nordestino
E depois ainda criou
A zabumba Vitalino.

Ele foi um nordestino
Conhecido até no Japão
No ano de 31
Afirmo ter perfeição
Ele casou-se com Joana
Maria da Conceição.

Para a nova geração
Que não sabe eu ensino
Em 21 de fevereiro
Neste solo nordestino
Do ano de trinta e quatro
Nascia Amaro Vitalino.

De Conceição Vitalino
Digo em verso verdadeiro
Em 21 de março
De 35 sem exagero
Nascia Manoel Vitalino
Que vive no Rio de Janeiro.

Em 38 sem exagero
Ele apressado na carreira
Em 4 de agosto
Foi buscar uma parteira
Pra sua primeira filha
Que foi Maria Pereira.

Se a história é verdadeira
A quem não sabe eu ensino
Em 4 de abril
Na terra de Antônio Menino
Do ano de 45
Nascia Severino Vitalino.

Na terra de Antônio Menino
Pois eu afirmo com fé
Juro pela escritura
E Jesus de Nazaré
Foi que nasceu a segunda
Sua filha Maria José.

Quando nasceu Maria José
Mais uma chuva pra lavoura
Ele saiu do sítio Campos
Pra morar no Alto do Moura
Com a sua família
Me disse uma supervisora.

No Alto do Moura
Com o seu saber profundo
De barro ele fez tudo
Fez honesto e vagabundo
E depois foi divulgado
Em toda revista do mundo.

Ele foi um germe mundo
Que na arte tinha fé
Foi divulgado no jornal
Por José Ferreira Condé
E morreu tão pobrezinho
Como Jesus de Nazaré.

Na arte ele tinha fé
Seu trabalho era sem falta
Foi exposto na Suíça
Por um grande Diplomata
E varíola que era chave
Pega Vitalino e mata.

A revista isso publicava
Os bonecos de Vitalino
Os bonecos mais famosos
Do solo nordestino
Fabricados com barro
Da terra de Antônio Menino.

Compareceu Vitalino
Na capital do R. de Janeiro
Ele cedeu entrevista
Direta pra o mundo inteiro
A respeito dos seus trabalhos
No nordeste brasileiro.

Ele foi um brasileiro
Que teve nome afamado
Atravessou as fronteiras
Passando pra o outro lado
Do novo ao velho mundo
Foi ceramista renomado.

Ele foi bem renomado
Da praia até ao sertão
Seus bonecos conhecidos
Do Brasil ao Japão
E morreu sem dinheiro
Na cidade do sertão.

A poesia e o artesão
Dão nome a nossa terra
O nome de Vitalino
Pois nunca se encerra
Seus trabalhos são conhecidos
Do Japão a Inglaterra.

Só fazia coisa da terra
Com o máximo de perfeição
Em toda parte do mundo
Tinha muita aceitação
E morreu pobrezinho
Na cidade do artesão.

Na cidade do artesão
Foi que morreu Vitalino
O ceramista mais famoso
Do solo nordestino
Fez os primeiros bonecos
Na terra de Antônio Menino.

Neste solo nordestino
Ele foi o pioneiro
Vivia da sua arte
De janeiro a janeiro
Seus bonecos são conhecidos
Do Brasil ao estrangeiro.

O Mestre Vitalino
Ceramista renomado
O que fez no presente
No futuro está guardado
Deixou a vida terrena
Partindo pra outro lado.

Teve um nome afamado
Em todo horizonte azul
Foi quem mais deu nome
A cidade de Caruaru
Quem afirma é o poeta
Filho do pajeú.

A cidade de Caruaru
Conhecida no mundo inteiro
Através de Vitalino
Um ceramista brasileiro
Que foi manchete de jornais
Do Brasil ao estrangeiro.

Do ceramista brasileiro
Eu não disse nem a metade
Seus bonecos são conhecidos
Em toda imensidade
Cada um pra o que nasce
Disse a santíssima trindade.

Autor:
José Severino Cristovão

Fragmentos para um poema desconexo

Luiz Rabelo

Quanto mais nos julgamos em fuga
mais nos prendemos na prisão
imóvel de mil olhos
invisível aos nossos olhos
construída de ruínas
envilecida de velharias
entorpecida de areias
e espelhos enganosos
esquecida como um mastro sem velas
sem bússola
sem estrelas.
E somos sombras sem rumo.

.....

Nua toda alma
que escapa aos ventos brancos
do esquecimento.
Nua toda alma doendo
de ser ela própria
sem domínio e sem legado.
Minha canção é a noite
aberta em bosques e bandeiras.

.....

Até o próprio poema sabe.
Quando se escreve um poema
é como se alguém trancasse em sua casa
todos os parentes próximos e afastados.
É como se alguém fechasse um baú
e lá deixasse os seus guardados
mais necessariamente consultados
os seus céus mais antigos ou súbitos.
É como se alguém se enterrasse
se precipitasse num abismo
vestido de todos os seus sonhos.
E a verdade é que um poema não é só um poema
é uma alma impregnada de palavras
de palavras que querem e não querem voar.
Todo poema deve ter ciúme (e até pudor)
de se ver revelado aos olhos do público.
Um poema se veste de idéias
como um cavalo pasta no prado
como um pássaro canta ao nascer o dia
como a água da fonte é cheia de alegria.
E o poema é um pássaro ou um cavalo
ou simplesmente um sonho de água
surgida de uma fonte inesperada
como um fruto maduro numa árvore.
Convém que amemos o poema como ele nos vem
como um anjo revelado
na sua justa beleza e música intocada.

.....

Ilumino os dias de solidão
com a neve da saudade.
Marinheiro das lembranças
Navego sombras que se tornam luzes
de antigas primaveras.
Tudo o que eu penso é vôo.

.....

Num bailado de dias
todos nos equilibramos no tempo
que nos ignora.
Alguém
no fim do espaço
para além de todas as noites
joga o seu laço de astúcia
e nos mantém acesos
como um grito.
E o seu nome é: Ignoto.

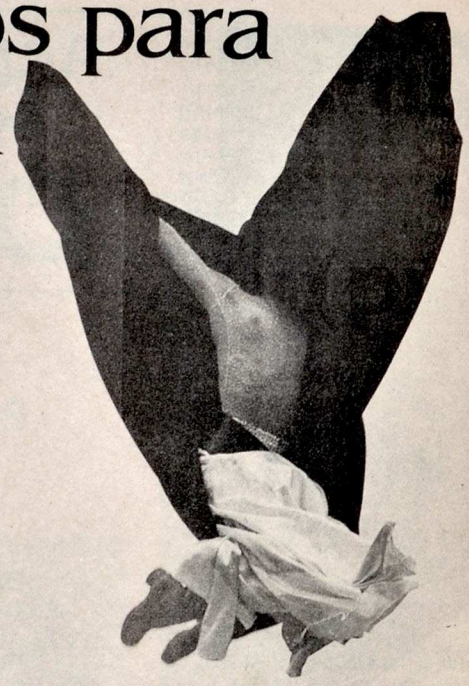
.....

Faz verão enquanto deslumbrado
o sol se deita na cama dos espaços
até o último dia das folhas.
Há um sentir e pensar sufocado
em todo sonho ardendo
sofrendo e morrendo ao vir
da primeira cinza dos invernos
tropeçando hiatos
se interpondo entre a luz e a treva
entre o homem e a casa
entre o navio e o mar.
E o equilíbrio está nesses hiatos
que se ajustam ao tempo e ao espaço
indispensável no seu intento
de constante e igual consentimento.

.....

Vejo que está longe agora
o potro na planície nua
e está longe a água dos batismos
e a iniciação nos ritos da beleza.
Mas são como um cristal
os fios da memória
que te vê rediviva e diurna
orvalhada de luz
plena de aurora.
Relembro o teu amor de antigamente
o teu caminhar silente
o teu ir e vir maliciosamente
no quarto quente
do teu perfume e teu ansiar fremente.
E te exalto agora e sempre.
E de repente tudo se vai
e fica longe como o potro na planície nua.
E então tudo me entristece
sinto que tudo me falece.
E eis que em meu coração agora sinto frio
e sinto que é frio o meu olhar.
Sou como um candelabro num salão vazio
uma festa que nem chegou a começar.

.....



Mulher Voadora (Foto: Antônio Guerreiro)

A lua é um holocausto
ou um hausto de luz
banhado de mar e lábios prateados
de amantes loucos e desesperados.
Colher a lua é cortar uma asa de pássaro.

.....

Percebo que tudo se resume
no que pode ser inverso
que tudo é mistério.
O riso pode ser sério
e a piada um verso.
O mar pode ser a noite
e a noite o dia.
O sem sentido o sentido
o não estar o estar.
E o homem
a forma pensante da Natureza
sabe que a Natureza tudo consome
sem pensar.

.....

A tristeza é um sentimento
que tem razões noturnas.
Para que serve um céu sem estrelas
sonhos apagados?

.....

Tudo o que é longe é próximo.
E tudo tem alma.
O abrir de uma porta é um estar-se longe
e perto de quem chega
A lembrança é a chave de toda porta
que se abre para todas as distâncias.

.....

Fui além das ilusões e não achei nada
que as pudesse substituir.
A ilusão é o móvel da vida.
Nesta vida ilusória
são as ilusões a única realidade.
E tudo acorda ao esforço de pensar
de ressuscitar antigas passagens
de viver novamente longínquas paragens
que só em sonhos conhecemos.
A ilusão é a intuição da realidade
que se faz certeza pela nossa vontade
pelo nosso querer
ilusório de ser.

.....

Diga-se uma loucura
e isto se tornará lúcido e claro
como água de fonte cristalina.
Diga-se algo lúcido
e isto se tornará tão óbvio e louco
que cairá num justo esquecimento.
Eis as duas faces da verdade
esta verdade óbvia como a loucura
e a lucidez.
E o paradoxo humano se constituirá
numa grande verdade
na verdade maior
respeitada por todos.
Disto sabem gênios
e deuses.

.....

Os coches reais não valem
a realeza mais humilde de um cocheiro.
Os cocheiros possuem o milagre da palavra
ou do gesto
e assim comandam o deslizar da noite
e o surgir de todas as estrelas.
Todo homem é um cocheiro na vida.

.....

Muitas vezes alcançamos
o mar ou a terra firme
que nos conduz
a qualquer cruz.
O céu o alcança o piloto brilhante
da aeronave possante.
O poeta vai mais além
mais distante
mais em frente.
Vai ao sonho ardente
mais do que à terra ou ao mar fremente.
A esse sonho
doce e áspero a um tempo
sonho diferente
não vai toda gente.

.....

O sonho é a semente
de tudo que se alcança.
Não é apenas uma rima
pois chega a ser mais que a esperança.
O sonho é tudo e é nada
o nada que um poeta sonhou
ser a estrada do infinito
sendo apenas mito
que pessoa alguma
jamais alcançou.

.....

Leio Emily Dickinson.
Brinco com pedras falsas
tornando-as pérolas sem jaça
numa idéia fixa.
Minhas pedras brutas
encobrem grutas
cheias de estalactites ou diamantes.
Dentro destas grutas de sonho se encontram
meus tesouros gigantes.

.....

O melhor de mim perdeu-se dentro de mim
e esqueceu de aparecer
e tão no meu íntimo ficou que faz parte de mim
lá onde não consigo chegar nem ver.

.....

Seja embora um sofisma
eu domino os poemas e os poemas não me dominam.
E porque os poemas não me dominam
não sou dono de nenhum poema.

.....

Nunca começar um poema. Deixá-lo ao meio
é a maneira melhor de começá-lo.
Às vezes o final é o seu início.
Daí porque eu faço um ponto final
neste começo de poema sem final.

Natal, 19/08/988

Luiz Rabelo (RN) é poeta. Membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

LIVROS E AUTORES

Jaime Hipólito Dantas

Arquivo

Lygia Fagundes Telles

"AS HORAS NUAS"

Lygia Fagundes Telles é uma escritora fascinante. Os seus romances ou contos são bonitos, viçosos, inebriantes, mágicos. Toda a sua obra é marcada por um equilíbrio (ou correlação) entre linguagem e estilo. Uma combinação de encantar. É uma escritora muito disciplinada e duma fluência excepcional, de tal modo que cada novo livro seu é uma festa para o leitor. É o caso (tinha que ser) deste "As Horas Nuas", que acaba de sair. É um romance, como os outros, de feitura exemplar. Seria a sua obra melhormente realizada? Já tem gente achando que sim. Talvez seja difícil fazer essa avaliação. Lygia Fagundes Telles é muito homogênea. Passam datas e passam fatos e ela é sempre a mesma. É seguramente a mais regular das nossas escritoras, circunstância que lhe tem propiciado a ventura de jamais ter publicado uma obra de categoria duvidosa. O que lhe falta é o senso inovador que era visível, por exemplo, em Clarice Lispector. Lygia Fagundes Telles parece preferir não se expor a riscos. Não quer transgredir normas. Por timidez, talvez? Todos os seus livros trazem a marca dum sabor clássico irrecusável. São elegantes e urbanamente educados. Numa palavra, Lygia Fagundes Telles é uma formidável escritora convencional. "Eu sou a minha matéria", confessou ela outro dia. Disse tudo.

LIVROS DE MOSSORÓ

Do padre Humberto Bruening, vem-nos "Lavoisier Maia", elogio do patrono da cadeira nº 01, da Academia Mossoroense de Letras, ocupada pelo autor. É um panegírico feito num estilo bastante peculiar, pontilhado de reticências, à la Céline. Aqui uma amostra: "Ele intuía... lia dentro... com faro clínico. Prendas da natureza... que não se adquirem. Via os sintomas... comparava... apalpava... como quem lê pelo sistema Braile ou anagliptografia". Elogio acadêmico é também "Rafael Fernandes Gurjão — Um Governo Sério", da autoria de Rafael Negreiros, ocupante da cadeira nº 27, da AMOL. O jornalista Rafael Negreiros traça um perfil brevíssimo do patrono da sua cadeira, um governante (do Rio Grande do Norte) "tão escrupuloso que as viagens que fazia ao Rio eram custeadas pelo seu próprio bolso, nada debitando ao Estado". É ainda de Mossoró que nos chega "A Obra Folclórica de Cascudo Como Expressão do Movimento Modernista", de Veríssimo de Melo. E é também elogio acadêmico, marcando a posse de Veríssimo como titular da cadeira nº 09, da Academia Norte-Riograndense de Ciências", também sediada em Mossoró, da qual é patrono Luís da Câmara Cascudo. Na visão de Veríssimo de Melo, Cascudo é uma das "expressões mais significativas do Movimento Modernista no Brasil". E conclui: "Nunca mais se fará outro Cascudo".

Arquivo

Machado de Assis

MACHADO DE ASSIS

Este 1989, que assinala o sesquicentenário de Machado de Assis, pode trazer de volta às livrarias algumas obras que, esgotadas há muito, mereceriam ser agora reeditadas. Uma delas, "Machado de Assis", de Agripino Grieco, publicado há exatos 30 anos, é um primor. É um estudo ao mesmo tempo sério e divertido, no qual Grieco, já muito idoso, dá provas de uma vitalidade intelectual jovialíssima e duma erudição que hoje já ninguém tem. Ele vira Machado de Assis pelo avesso, para mostrar que o maior dos escritores brasileiros, admirado por todas as gerações, sempre foi mais idolatrado do que interpretado por seus críticos e biógrafos. O problema é que Agripino Grieco mergulha de tal modo no exame de tudo o que escreveu o mestre, às vezes uma simples frase, um adjetivo, um advérbio, que acaba cometendo injustiças, quando não asneiras de pasmar. Por exemplo, na ânsia de provar a tendência de Machado à imitação, admite que o mero emprego, casual, do adjetivo "suspicaz", é uma importação de Latino Coelho. Se numa crônica diz ter encontrado um burro, vivo em seu jardim, o crítico, rápido, se lembra de haver Sterne, na sua "Viagem Sentimental", também encontrado um burro morto na estrada. Num conto refere-se nosso Machado a uma cachorrinha com uma coleira com uma inscrição em francês? Pois "talvez seja lembrança da coleira da cadela de Braumarchais". É a análise mais minuciosa e ao mesmo tempo mais subjetiva que já se terá feito dum escritor e de sua obra. Grieco acha Machado de Assis, em suma, o maior dos nossos literatos, "no bom e no mau sentido". Todavia admira-o. "Admiro-o resmungando contra a minha admiração". Não merece uma reedição este "Machado de Assis", de Grieco?

SARTRE, AINDA

De um modo geral a obra de Sartre anda hoje fora de moda. Esteve na crista da onda enquanto ele viveu ou sobretudo agiu, na França e em toda a parte. As suas idéias mexiam com as elites intelectuais e as submetiam com uma força de sedução que só possuem os líderes verdadeiramente carismáticos. O princípio, que defendia, de que "palavras são atos", levou-o a investir contra toda sorte de imposturas e a se comportar, ao mesmo tempo, como filósofo e agitador de massas. Uma das suas teorias, a do "compromisso", ensinava que ao homem de letras compete assumir a sua época, inclusive como combatente em favor do progresso dos povos. Nas décadas de 1950 e 1960, nenhum escritor foi mais lido do que Sartre. No Brasil, onde esteve a convite de Jorge Amado, a sua obra pode até ter sido mais admirada do que lida, ainda que isto não a tenha impedido de continuar sendo editada, por cá. É o caso do lançamento, no mês que passou, de "O que é a Literatura?", pela Editora Ática. É um ensaio, talvez já um tanto envelhecido, onde Sartre desenvolve o seu conceito de literatura engajada. Apaixonado, com mil idéias socialista povoando-lhe a cabeça, defende que a literatura é, em síntese, jornalismo, apenas mais bem escrito. Coincidentemente, ao tempo em que expunha tais idéias, Sartre parou de escrever romances, ainda que continuasse com o seu teatro. Afinal chegou a afirmar em 1964 que diante duma criança morta de fome "La Nausée" não valia nada. Ou então: "O mundo pode muito bem dispensar a literatura". Para completar: "Mas pode ainda melhor dispensar o homem".

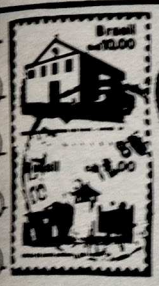
GALERIA — I

LUÍS CARLOS GUIMARÃES (Currais Novos, 23/05/1934). Poeta, 4 livros: "O Aprendiz e a Canção", "As Cores do Dia", "Ponto de Fuga", "O Sal da Palavra". Tudo poesias. O quinto (a sair) será uma novela. Quase romance. Sem título, ainda (aceita sugestões). Primeiro poema publicado, aos 13 anos. Num jornaleco de Currais Novos. Lê estrangeiros e nacionais, indistintamente. Gêneros preferenciais, poesia e ficções. Maior escritor vivo brasileiro, Rubem Fonseca ("A Grande Arte"). Ou João Ubaldo Ribeiro. Entre os potiguares, Américo de Oliveira Costa. Outro, Nei Leandro de Castro. Sobre a poesia concreta gostaria de não opinar. "É coisa do passado, sem mais importância, hoje. Teve sua época, perdeu-a. Não há mais como recuperá-la". Mesmo assim ainda tentou praticá-la, confessa. Recuou. Por enfado. A literatura potiguar tem futuro? "Tem, tem. Ou tomara que sim".

ANTOLOGIA

"Depois do jantar, a televisão completava a recompensa. Antes de deitar, passava pela rede de cada filho, surpreendia-lhes a paz vinda com o sono. Feliz, ia se aconchegar à mulher. Ela o recebia com carícias que só cessavam quando, satisfeito, se virava e adormecia. Amanhã outro dia igual viria".

FRANCISCO SOBREIRA ("A Trágica Morte de Alain Delon").



Cartas dos leitores

ESCLARECIMENTOS A ANCHIETA FERNANDES

Prezado Sr. Anchieta Fernandes, graças ao amigo Verissimo de Melo, li a sua simpática resenha sobre a minha HISTÓRIA ILUSTRADA DOS FILMES BRASILEIROS 1929-1988.

Agradeço-lhe, sensibilizado, as referências elogiosas, além dos méritos da obra.

Algumas observações pertinentes: não coloco minha preferência pelos filmes de Walter Hugo Khouri antepostos aos do falecido Glauber Rocha. Apenas, o primeiro é mais profissional, mais autêntico, artista, o segundo, a despeito de algum talento esquizofrênico, sempre foi, pessoalmente um mau caráter, um autopromotor de discutíveis valores, emérito puxa-saco de poderosos e notório caluniador. Logo... Mas não é de Khouri que eu gosto; gosto de gente séria, em geral, Jorge Iléri, Nelson Pereira dos Santos, Sylvio Back, Alberto Salvá. Um pouco de Walter Lima Jr., do falecido Joaquim Pedro de Andrade (embora também de caráter elástico...), Carlos Diegues.

Também admiro as preferências do caro resenhador. Mas explico **Fazendo Fita** é um dos filmes mais queridos do autor; não entrou, ou melhor, saiu de pauta por falta de fotografia para ilustrar; nem o filho do realizador, Cappelaro, conseguiu UMA foto para ceder, segundo afirmou. **Opinião pública**, também, do qual gosto, não entrou e eu dei a explicação no prefácio: é documentário, filme de não-ficção. Fica para outra vez, se me houver saúde... Qualquer filme dos Barreto, com exceções, **Dona Flor...** e **Romance da Empregada** são lixos de picaretagem e primarismo estético.

Finalmente, esse camarada que fez **Boi de Prata** não me deu uma só fotografia do filme e ganhou o prêmio de música do I Festival de Natal graças ao meu empenho como jurado, como podem testemunhar os ilustres outros companheiros do júri.

Devia-lhe estes esclarecimentos, caro Anchieta, pelo muito que me comoveram os seus comentários.

Um emocionado abraço do Salvyano Cavalcanti de Paiva.

Salvyano Cavalcanti de Paiva
Crítico de Cinema
Rio de Janeiro-RJ

PONTA DE ORGULHO

Cara, Marize, só agora quero me redimir do pecado de omissão cometido contra O Galo.

Na verdade sempre quis escrever-lhe parabenizando-a por este periódico que é motivo de orgulho para este potiguar saudoso de sua terra, sua gente e de novidades que estão acontecendo e/ou sendo feitas.

É portanto com alegria e uma ponta de orgulho que venho inscrever-me na fila, que por certo existirá, de pessoas que querem de alguma forma colaborar com O Galo.

Como artista plástico tenho curtido sobretudo a dedicação dos que criam as capas do Galo. Aliás, não poderia ser diferente, afinal o elemento pictórico, além de ser extremamente plástico é, muito particularmente para mim, o símbolo de minha cidade, muito embora alguns insistam na complexidade plástico-poética dos Reis Magos. Mas isso é outro papo. O papo aqui é o Galo e do Galo.

Marize, quero assim reivindicar um lugar nessa fila de colaboradores. Conte comigo sempre que preciso for e lembre-se que esse Galo anda despertando muita gente além de suas fronteiras para alegria de todos nós.

Grato pela prestigiosa lembrança.

Um grande abraço.

Edilson Avelino
Artista Plástico
Rio de Janeiro-RJ

VALORIZAÇÃO DA POESIA

Tomei conhecimento do jornal O GALO através da Secretaria da Educação e Cultura, onde exerço minhas funções e, confesso que fiquei fascinada pela qualidade dos artigos publicados, principalmente com referência à valorização da poesia. Parabéns para o Rio Grande do Norte por tão brilhante iniciativa.

Fátima Furtado Nogueira
Poetisa
João Pessoa-PB

MISSÃO

O Galo chegou por aqui no mesmo instante em que eu lia a revista "Usina", editada pela Fundação Espaço Cultural do Governo do Estado. Os suplementos culturais descrevem um momento cultural, principalmente se conseguem polemizar e fazem cumprir o objetivo básico da cultura que é contribuir para despertar o novo, o velho, o eterno e o efêmero da revolução que precisamos deflagrar.

Sinto isso no Galo. Aberturas de novos caminhos porque mais do que nunca é preciso despertar pessoas, grupos, entidades, comunidades para a luta e o enfrentamento cultural. Vamos juntos cumprir esta missão afirmando a vitória da inteligência diante da ditadura da burrice e da mediocridade.

As alternativas existem, a oficialidade também, e tudo isso junto forma e transforma o marasmo, remexe o silêncio da apatia, lança para além do nosso próprio querer possibilidades de mudança hoje. Eu acredito nisso.

Pedro Osmar
Poeta, músico, artista plástico
João Pessoa-PB

UMA FESTA

Quando "O Galo" chega é uma festa. A festa das letras bem forjadas com uma só intenção: Acrescentar. E a bem da verdade tudo é bom. Parabenizamos mais uma vez os responsáveis, e daqui do sul, Joinville, abraçamos toda a equipe sem deixar de lado os bons colaboradores que têm contribuído de forma íntegra e criativa com seus artigos, reportagens, e poemas, em especial do nº 14 o poema de Wellington Dantas.

Gostaríamos de colocar nosso jornal "ESPAÇO CULTURAL ABERTO" à disposição dos colaboradores e/ou leitores de "O Galo" para futuras publicações.

Os contatos poderão ser feitos com Dúnia de Freitas, Caixa Postal D-120, Cep 89.200, Joinville, Santa Catarina.

Professora Dúnia de Freitas
Setor de Assuntos Culturais
da Fundação Educacional
da Região de Joinville e
Joinville-SC

AL NTAOGALOCONTAOGAL

ARQUIVO DE POESIA CONCRETA

A poetisa inglesa Paula Claire está organizando o Arquivo Internacional de Poesia Concreta. Poetas concretos de todas as partes do mundo estão sendo catalogados por Paula, inclusive A. de Araújo, daqui do RN, que vai ter um de seus poemas na contracapa do catálogo do Arquivo Internacional de Poesia Concreta. Quem tiver feito poesia concreta alguma vez na vida pode enviar algum exemplar, acompanhado de nome e endereço, para: Paula Claire, International Concrete Poetry Archive, 11 Dale Close Thames, Street, Oxford, OX1 1TU, England (Inglaterra).

Com toda a certeza, poetas que participaram da antologia "Meanings", de poesia visual, organizada por Peggy Lefler e publicada no começo deste ano no Canadá, também serão catalogados no Arquivo internacional de Poesia Concreta. A. de Araújo também está na antologia "Meanings" (Idéias), com um poema visual, representando letras que se derramam de um olho, formando na base um verdadeiro montículo fonético. A. de Araújo está na antologia ao lado de poetas de vanguarda conhecidos internacionalmente, como o japonês Seiichi Niikuni.

Walmir Ayala

W. AYALA EM AUTORES GAÚCHOS

Já chegou ao nº 22 a coleção de cadernos monográficos dedicados a "Autores Gaúchos", que o Instituto Estadual do Livro, do Conselho Estadual de Desenvolvimento Cultural do governo do Rio Grande do Sul vem publicando, sob a competente editoria de Vera Regina Morganti. Tendo começado com um nº sobre Cyro Martins, a coleção chega ao nº 22 com um volume sobre Walmir Ayala, o conhecido poeta, teatrólogo, romancista e crítico literário. Polêmico, por ter a coragem de assumir posições coerentes que vão de encontro a modismos literários, Walmir tem sido uma presença criativa no cenário cultural brasileiro. Neste volume de "Autores Gaúchos", ele faz algumas revelações básicas para o conhecimento de sua personalidade, em entrevista concedida a Zênia Dirani, Tania Rosing e Ivo Bender. Ele diz, por exemplo, que tem "uma compulsão diária de transformar em experiência literária todos os acontecimentos existenciais. Às vezes, chego ao ponto de precipitar — ainda não acabou a experiência e já estou escrevendo — como se eu completasse através da literatura o momento de vida que estou fruindo".

Quem assume assim tão intensamente a transferência para o literário das coisas vividas, fatalmente dedica um pouco de sua criatividade à literatura infantil, pois no imaginário das crianças está a base formadora de todo o imaginário dos adultos. Walmir já publicou 24 volumes de literatura infantil, desde "O Canário e o Manequim", em 1961, até "O Mapa do Tesouro", em 1988. Em um dos depoimentos publicados neste volume 22 de "Autores Gaúchos", a Professora Luzia Garcia de Mello escreve o seguinte sobre a literatura infantil de Walmir Ayala: "Gosto de seus livros infantis; a força poética e a imaginação criadora aproximam criança e adulto". Os volumes de "Autores Gaúchos" se completam com uma parte documental, fotos e fatos de várias fases da existência do autor focalizado, além da transcrição de trechos selecionados (no caso de Walmir, trechos do romance "À Beira do Corpo" e alguns poemas).

POESIA DE J. GOMES NETO

O mossoroense José Gomes Neto é um vitorioso no contexto da literatura nacional, se considerarmos ser vitorioso alcançar-se o prestígio, como ele alcançou, de ser atualmente o Presidente da Associação Profissional de Escritores do Estado de Santa Catarina, onde reside desde 1971. Mas José Gomes Neto é vitorioso principalmente pela qualidade que consegue com seus textos, passando para o leitor a beleza de uma linguagem criativa, não gratuita. Sua poesia é um laboratório, onde as palavras se fragmentam celularmente no momento de darem origem a novos seres verbais. Recebemos o livro de poesias "Opivm de Vidro" (assim mesmo, "opivm" e não "opium"), publicado por ele em 1986, com belíssima capa pintada por Marília Kranz, e editado por Massao Ohno Editor. Os neologismos celulares verbais começam desde as dedicatórias ("A Maria do Vale: em**mãeraldas**/A Augusto e Haroldo: transluminuemas") e chegam aos achados dialéticos, termos que se opõem mas se somam complementarmente na frase.

DOIS LIVROS DE GABRIEL NASCENTE

De Goiânia, GO, Gabriel Nascente nos envia dois de seus mais recentes livros de poesia: "Crônica da Manhã" (1985) e "Madrugada nos Muros" (1987). Sua produção já mereceu elogios de Carlos Drummond de Andrade ("Sua poesia continua viva e atraente, onde encontro muitas confirmações do seu engenho criador, sempre alerta diante da vida"), de Nelson Werneck Sodré ("Sua poesia não é apenas bela pelo que tem de forma, ela encanta e desperta aplauso pelo que encerra, pelo conteúdo"), dentre outros poetas e críticos. Na verdade, com estes títulos matinais, é uma poesia que contesta, na espera do anúncio de um novo dia para o ser humano. Nos dois livros, antes dos textos dos poemas propriamente ditos (aliás, "Crônica da Manhã" não reúne vários poemas, e sim "um poema que acabou por caber no corpo de um livro", como o autor explica em uma página), vem um texto auto/apresentação, verdadeiros manifestos (de protesto contra a situação de incultura em que o povo brasileiro foi jogado — em "Crônica da Manhã"; e de reflexões sobre o porque da poesia — em "Madrugada nos Muros").

A sensibilidade solidária do poeta é acompanhada a cada momento, nas páginas dos livros de Gabriel Nascente, desde, por exemplo, a primeira frase de quase todas as estrofes do livro "Crônica da Manhã", aquela programática expressão "O mundo me chega". Poesia ternura ("E doce como os lábios/de uma menina/o rio já transborda/pelos barrancos do sonho" — V. o poema "O Rio é Uma Flauta", em "Madrugada nos Muros"), que sabe também ser advogada da ecologia, protestando contra as agressões à Natureza ("O mundo me chega/pelo incêndio das florestas/que é rotina no chão desta América./ — Meus Deus, quem salvará o pulmão das árvores,/a relva, a fuga atordoante dos insetos? — V. p. 59 de "Crônica da Manhã") — esta é uma poesia igualmente criativa no momento da pesquisa verbal. Como, por exemplo, no encontro do efeito nomatopáico para reforço da imagem descritiva, no poema "Relembranças", de "Madrugada nos Muros": "Pim, Pim, Pim./ Chovia gostoso" — que traz logo a lembrança de manhãs invernais na infância.

CINEMA INTERNACIONAL

De 8 a 15 de julho, em promoção conjunta Fundação José Augusto e Cine Clube Tirol, acontecerá no Centro de Convenções a I Mostra do Cinema Internacional. Os filmes a serem exibidos serão os seguintes: dia 8 — Kangaroo, direção de Tim Burstall, da Austrália; dia 9 — Sid e Nancy, direção de Alex Box, da Inglaterra; dia 10 — O Declínio do Império Americano, direção de Denys Arcand, do Canadá; dia 11 — Tudo Certo e Nada em Ordem, direção de Lina Wertmuller, da Itália; dia 12 — Se Permuta Cuba, direção de Juan Carlos Tabio, de Cuba; dia 13 — Quando Papai Saiu em Viagem de Negócios, direção de Emir Kusturika, da Iugoslávia; dia 14 — Estranhos no Paraíso, direção de Jim Jamursh, dos Estados Unidos; e dia 15 — A Mulher de Minha Vida, direção de Régis Wargnier, da França. Como se vê, com a ajuda da Fundação José Augusto, o público de cinema de Natal está agora tendo sempre uma opção boa para não ter de suportar o cotidiano das pornochanchadas do cinema comercial. Vamos todos à Mostra do Cinema Internacional.

Tudo Certo... Mas nada em Ordem, filme de Lina Wertmuller.

PRÊMIOS

A João Scortecci Editora, de São Paulo (situada à Rua Teodoro Sampaio 1704, loja 13, CEP 05406, de Pinheiros, SP) comemorou a 13 de maio seu 7º aniversário, pois foi fundada em 1982. Na ocasião da comemoração, foram lançados prêmios. Comprando um exemplar de publicações selecionadas da Editora, o comprador concorreria aos prêmios: Edição 500 exemplares, 40 páginas, capa 1 cor, plastificada, formato 14x20,5 livro de poesias. Som 3x1 Music Center MC-3200, 2 caixas-stéreo — AM/FM. As obras selecionadas que o comprador concorrente aos prêmios teria que comprar eram: NUMEN — Revista Semestral de Literatura da Editora Scortecci (ANO I, nº 1, NCz$ 5,00); SEGREDOS DO BOM TROVAR (como fazer trova — exemplos práticos — antologia), de Maria Thereza Cavalheiro, NCz$ 7,00; LANÇAS DE FOGO, poesia, de Antonio Cassemiro, NCz$ 10,00; FIGURA HUMANA (poesia), de Vadim Nikitin, NCz$ 5,00; e A LEGIÃO DOS TRONCOS COM ROSTOS, de Aristides Klafke, NCz$ 7,00.

NTAOGALOCONTAOGALOCONT

Enquanto isso, a União Brasileira de Escritores (UBE), situada à Rua Leopoldo Froes, 83, Santa Tereza, no Rio de Janeiro, RJ, CEP 20241, abriu inscrições, de 03 de abril a 30 de junho, para Prêmios de Romance, Poesia e Literatura Infantil, respectivamente intitulados "Graciliano Ramos", "Jorge de Lima" e "Luiz Jardim". Os concorrentes devem mandar livros inéditos, escritos em Português. Haverá apenas um premiado para cada gênero, mas poderão ser concedidas menções especiais e honrosas, a critério das comissões julgadoras. Os prêmios, recém-criados, serão reajustados anualmente, sendo cada um, este ano, de NCz$ 500,00 (quinhentos cruzados novos). Os originais deverão ser apresentados em três vias, em papel formato ofício, datilografados apenas de um lado, em espaços dois, com as páginas devidamente numeradas e contidas numa pasta, sob pseudônimo. Para efeito de identificação, cada concorrente enviará, em envelope fechado, que acompanhará os originais, uma ficha indicando o nome completo, o endereço, o título da obra, o pseudônimo, o nome do prêmio a que concorre o sucinto **curriculum vitae** do autor.

POESIAS DIVERSAS

Recebemos do poeta carioca Natanael Barroso Filho o poema em poster "A Noite Anterior".

O poeta Alcides Buss publicou, pela série O Menino Poeta (constituindo-se no 8 da referida série), da editora gaúcha Editora Mercado Aberto Ltda., o livro de poesia infantil "A poesia do Boi", com capa e ilustração de Leonardo Menna Barreto Gomes.

A Editora Mercado Aberto situa-se na Rua Conceição, 195, 1º andar, 90037, Porto Alegre, RS, Cx. Postal 1432.

Pela João Scortecci Editora, de São Paulo, foi publicado o ano passado o livro de poesias "Paixões Revoltas", de Augusto Garuzzi e Carlos Antonio Souza do Nascimento. Recebemos o livro.

Também pela João Scortecci Editora foi publicado o ano passado outro livro de poesias, "Contrastes", de Ana Maria Miranda, que igualmente recebemos.

"A Cor do Sol" é o título do livro de poemas de Luiz Carlos Amorim, publicado o ano passado pelas Edições CEPEC, de Florianópolis, SC.

REYNALDO SOBRE ASSIS

Sobre o livro "Lobo-Guará, Meu Amigo", do escritor piauiense Assis Brasil, Reynaldo Dias Jr. escreveu extensa crítica, da qual transcrevemos os trechos: "Mais um livro juvenil do escritor piauiense Assis Brasil. A rima é acidental, mas o nome do autor, hoje rima com muitos gêneros literários a que vem se dedicando em destaque essa faixa tão difícil de abordagem a sério, em meio a uma verdadeira enxurrada de livros à procura de leitor jovem. Algumas editoras se apavoram, achando que a concorrência está ficando brutal na área, mas é um engano. O mercado do livro, no Brasil, em todos os setores, ainda está praticamente virgem. Só na faixa do livro infanto-juvenil, temos 25 milhões de jovens à espera de novos autores e novos editores. Talvez pensando nisso foi que a escritora Mirna Pinsky resolveu fundar a sua Editora Contexto, em destaque a coleção Contexto Jovem, em que se insere agora o novo livro de Assis Brasil. As edições são bem cuidadas e a história **amazônica** do piauiense ficou graficamente muito bonita, não fosse o texto, por si, belo e empolgante, dando Assis Brasil, mais uma vez, uma grande lição de vida.

"Lobo-Guará, meu amigo' abre com uma citação bíblica, "O lobo e o cordeirinho é que pastarão como se fossem um, e o leão comerá palha com o touro". Mais do que uma indicação para o comportamento humano, no que diz respeito aos bichos, a citação de Isaías sublinha algo mais profundo, um apelo à volta do Paraíso, quando homens e animais voltarão ao propósito incrível de Deus, ou seja, bichos e gente 'não farão dano nem causarão ruína'. Abstraindo-se as implicações místicas e ecológicas do 'Lobo-Guará, meu amigo, destaque-se a narrativa vigorosa de Assis Brasil, em meio a uma aventura de um de seus personagens mais famosos, egresso de outras histórias, Gavião Vaqueiro, um misto de justiceiro e sábio, conhecedor profundo da floresta e dos bichos". Reynaldo termina dizendo ser o livro de Assis Brasil "para leitores de todas as idades, a partir dos 12 anos".

TADEU CRUZ

Tadeu J. Cruz fez em maio (a partir de 12 de maio deste ano) uma exposição de Fotografias Surrealistas, intitulada "Viagem no País da Imaginação", no saguão da FURB, em Blumenau, Santa Catarina. A exposição foi uma promoção conjunta da Universidade Regional de Blumenau (Divisão de Promoções Culturais) e do Foto Clube de Santa Catarina, com apoio do Conselho Municipal de Cultura, Departamento Cultural de Blumenau, Santa Catarina, Natural de Salvador, Bahia, 37 anos, os últimos morando em São Paulo, Tadeu J. Cruz tem Formação em Engenharia de Sistemas, Administração de Empresas e Filosofia Pura. Especialista em Computadores, é fotógrafo amador desde os 12 anos de idade, quando ganhou sua primeira câmera. Há oito anos dedica-se, no Branco e Preto, à fotografia artística, em especial a fotos experimentais, ou surrealistas. Artista — com o título de ARTISTE — da Féderation Internacionale de L'Art Photographique. Premiado em exposições nacionais e internacionais, inclusive com Medalhas de Ouro.

JORNAIS

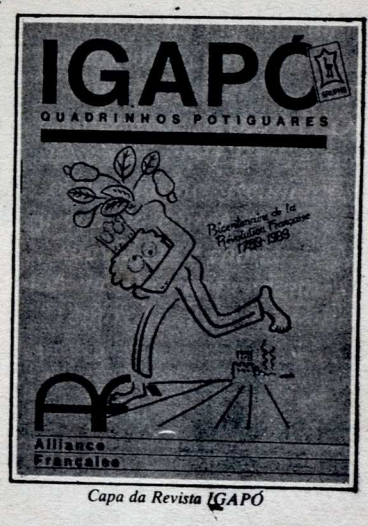
Recebemos o nº 30 (referente a junho) do Suplemento Literário do jornal "A Ilha", de Joinville, Santa Catarina. Neste número, em destaque, uma reportagem sobre o lançamento do sétimo livro do poeta Luiz C. Amorim, A COR DO SOL. A publicação do livro deu-se através da Editora CEPEC, ainda que sob as custas do autor. O coquetel de lançamento de A COR DO SOL inaugurou um novo espaço para a cultura em Joinville, o Salão de Eventos da AABB que, além de lançamentos, abrigará exposições de artes plásticas, recitais literários e musicais etc. O número de junho do suplemento literário de "A Ilha" publica também poemas e uma entrevista com a escritora Apolônia Gastaldi.

Já saiu o nº 4 do boletim Cenapi, periódico carioca dedicado à produções independentes, com noticiário farto sobre o movimento cultural alternativo.

Capa do NICOLAU

"NICOLAU, SIM". LEMINSKI AFIRMA

No jornal "Correio de Notícias", de Curitiba, PA, saiu publicado o último artigo escrito pelo falecido poeta Paulo Leminski, dedicando o seu último trabalho a uma defesa acalorada do jornal cultural "Nicolau", do Paraná, vítima de uma campanha de equívocos que uma imprensa invejosa de sub-província tenta mover contra "a mais importante publicação cultural no Paraná (uma das mais do país)". Diz Leminski: "Através do Nicolau, Curitiba, Paraná e Brasil vem recebendo, faz tempo, informação textual, literária, poética e jornalística do mais intransigente nível (...) As acusações de 'beletrismo' ao Nicolau são improcedentes: 'Aliás, em junho o jornal "Nicolau" completou dois anos, e seu editor, Wilson Bueno foi entrevistado para o suplemento "Almanaque", do jornal "O Estado do Paraná", de 4 de junho, onde explica o sucesso do nosso confrade paranaense: "Quanto à singularidade da publicação, eu colocaria o fato, inédito, dela manter uma linha de rigorosa autonomia, ainda que — ou sobretudo — porque patrocinada pela iniciativa oficial".



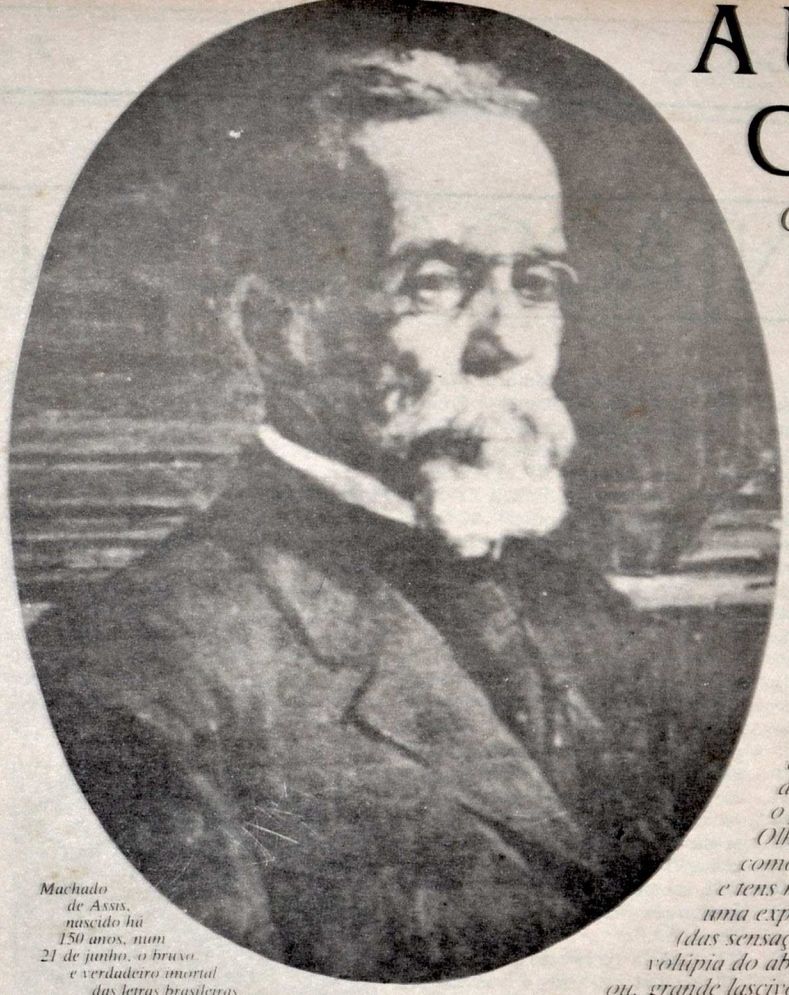
Capa da Revista IGAPÓ

QUADRINHOS

Está para ser lançado o nº 07 da revista de quadrinhos natalense "Igapó", produção do Grupo de Pesquisa e História em Quadrinhos. Desta vez, os rapazes do quadrinho potiguar produziram uma quadrinização sobre "A Revolução Francesa e suas conseqüências no Brasil", com capa (policrômica e em papel couchê) de Zingre, pesquisa e texto de Aucides Bezerra de Sales, desenhos de Evaldo de Oliveira, letras de Carlos Alberto, Arte-Final de Aucides Sales, Ajudante: Jaelson Júlio e Ivo Rocha, e Acompanhamento Gráfico: Luiz Elson (que faz também os contatos comerciais para o grupo, que tem publicidades a cargo de Alcinei Sales). Neste nº 07 da revista "Igapó", além da narrativa sobre a Revolução Francesa, existem duas complementações, uma quadrinizando em síntese um episódio da vida do Coronel José Bezerra, de Currais Novos, e outra uma quadrinização (por Luiz Elson e Aucides) do poema sertanejo "Galope Alucinado", de Chico/João. Prosseguem, assim, vitoriosamente, as iniciativas pioneiras do Grupelho.

A UM BRUXO, COM AMOR

Carlos Drummond de Andrade



Machado de Assis, nascido há 150 anos, num 21 de junho, o bruxo e verdadeiro imortal das letras brasileiras.

Em certa casa da Rua Cosme Velho
(que se abre no vazio)
venho visitar-te; e me recebes
na sala trastejada com simplicidade
onde pensamentos idos e vividos
perdem o amarelo
de novo interrogando o céu e a noite.
Outros leram da vida um capítulo, tu leste o livro inteiro.
Daí esse cansaço nos gestos e filtrada,
uma luz que não vem de parte alguma
pois todos os castiçais estão apagados.
Contas a meia voz
maneiras de amar e de compor os ministérios
e deitá-los abaixo, entre malinas
e bruxelas.
Conheces a fundo a geologia moral dos Lobos Neves
e essa espécie de olhos derramados
que não foram feitos para ciumentos.
E ficas mirando o ratinho meio cadáver
com a polida, minuciosa curiosidade
de quem saboreia por tabela
o prazer de Fortunato, vivisseccionista amador.
Olhas para a guerra, o murro, a facada
como para uma simples quebra da monotonia universal
e tens no rosto antigo
uma expressão a que não acho nome certo
(das sensações do mundo a mais sutil):
volúpia do aborrecimento?
ou, grande lascivo, do nada?

O vento que rola do Silvestre leva o diálogo,
e o mesmo som do relógio, lento, igual e seco,
tal um pigarro que parece vir do tempo da Stoltz e do gabinete Paraná,
mostra que os homens todos morreram.
A terra está nua deles.
Contudo, em longe recanto,
a ramagem começa a sussurrar alguma coisa
que não se entende logo
e parece a canção das manhãs novas.
Bem a distingo, ronda clara:
é Flora,
com olhos dotados de um mover particular
entre mavioso e pensativo;
Marcela, a rir com expressão cândida (e outra coisa);
Virgília,
cujos olhos dão a sensação singular de luz úmida;
Mariana, que os tem redondos e namorados;
e Sancha, de olhos intimativos;
e os grandes, de Capitu, abertos como a vaga do mar lá fora,
o mar que fala a mesma linguagem
obscura e nova de D. Severina
e das chinelinhas de alcova de Conceição.
A todas decifraste íris e braços
e delas disseste a razão última e refolhada
moça, flor mulher flor
canção de manhã nova...
E ao pé dessa música dissimulas (ou insinuas, quem sabe)
o torvo grunhir dos porcos, troça concentrada e filosófica
entre loucos que riem de ser loucos
e os que vão à Rua da Misericórdia e não a encontram.

O eflúvio da manhã,
quem o pede ao crepúsculo da tarde?
Uma presença, o clarineta,
vai pé ante pé procurar o remédio,
mas haverá remédio para existir
senão existir?
E para os dias mais ásperos, além
da cocaína moral dos bons livros?
Que crime cometemos além de viver
e porventura o de amar
não se sabe a quem, mas amar?

Todos os cemitérios se parecem,
e não pousas em nenhum deles, mas onde a dúvida
apalpa o mármore da verdade, a descobrir
a fenda necessária;
onde o diabo joga dama com destino,
estás sempre aí, bruxo alusivo e zombeteiro,
que revolves em mim tantos enigmas.

Um som remoto e brando
rompe em meio a embriões e ruínas,
eternas exéquias e aleluias eternas,
e chegas ao despistamento de teu pencenê.
O estribeiro Oblivion
bate à porta e chama ao espetáculo
promovido para divertir o planeta Saturno.
Dás volta à chave,
envolves-te na capa,
e qual novo Ariel, sem mais resposta,
sais pela janela, dissolves-te no ar.

(Carlos Drummond de Andrade. **Reunião**, José Olímpio, 6ª edição, 1974, pág. 237).